SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM – FACL
TURMA LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA 2013

JANIELE MIRANDA RIBEIRO

MARCO AURÉLIO PANTOJA RIBEIRO

A TERMINOLOGIA DA PESCA ARTESANAL NO BAIXO TOCANTINS

ABAETETUBA-PA

2017

JANIELE MIRANDA RIBEIRO

MARCO AURÉLIO PANTOJA RIBEIRO

A TERMINOLOGIA DA PESCA ARTESANAL NO BAIXO TOCANTINS

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem – FACL do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Letras: Habilitação em Língua Portuguesa. Área de concentração: Linguística. Subárea: Terminologia. Profª. Orientadora: Ma. Alessandra Martins Monteiro.

ABAETETUBA - PA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R484t Ribeiro, Janiele Miranda.
A terminologia da pesca artesanal no baixo tocantins / Janiele Miranda Ribeiro, Marco Aurélio Pantoja Ribeiro . — 2017.
98 f. : il. color.

Orientador(a): Profª. MSc. Alessandra Martins Monteiro
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2017.

1. Socioterminologia. 2. Glossário terminológico da pesca artesanal. 3. Variação terminológica . I. Título.

CDD 410

JANIELE MIRANDA RIBEIRO

MARCO AURÉLIO PANTOJA RIBEIRO

A TERMINOLOGIA DA PESCA ARTESANAL NO BAIXO TOCANTINS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem – FACL do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Letras: Habilitação Língua Portuguesa. Área de concentração: Linguística. Subárea: Terminologia.

Aprovado em de Abril de 2017

Conceituado com _____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Ma. Alessandra Martins Monteiro – FACL/CAAB/UFPA.

Orientadora.

Profª. Drª. Maria Adelina Rodrigues De Farias – UFPA.

Parcerista.

Profª. Ma. Jaqueline Andrade Reis – UFPA.

Parcerista.

Dedicamos este trabalho a Deus por seu amor supremo que nos permite o pensar e o produzir conhecimento por meio da ciência, a nossos familiares em especial nossos pais pelo amor, carinho e apoio dedicados nesta fase de nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

Ao nosso Deus, por sua infinita bondade, por nos fortalecer nos momentos de fraqueza, por nos dar saúde, e sabedoria, e também por colocar pessoas especiais para caminharem ao nosso lado durante essa jornada;

Aos nossos queridos pais, José Maria e Renilda Ribeiro, Antonildo e Márcia Ribeiro, por serem responsáveis pela nossa formação pessoal, tudo que temos e somos devemos a eles, pois com toda simplicidade, amor e dedicação não mediram esforços para garantir nosso futuro, sempre nos apoiando na realização deste sonho;

À minha companheira Silvane Garcia, pelo apoio na construção desse trabalho;

Aos nossos avós, Rômulo (em memória) e Eulália Miranda, Benedito (em memória) Maria Ribeiro, Irinel e Luiza Pantoja, por todo apoio e carinho a nós dedicados;

Aos nossos irmãos Jamile, José Felipe, Matheus e David Ribeiro, Andressa Ribeiro pelo incentivo e compreensão nos momentos de estresse;

Aos nossos tios, em especial Ademir, Jesuína, Tadeu e Lindomar, Luiza, Luciana, por se prontificarem em contribuir com a realização desse sonho;

Aos nossos primos, em especial Elcimara, Elson, Thayoná, Tassia e Nilmara pelas conversas, contribuições e incentivo nos momentos difíceis;

Às nossas crianças, em especial nossos sobrinhos José Henrique, Arthur, Luan, Susane, Fred e Miguel, e a minha filha Sophia, por nos proporcionarem momentos de alegria para podermos seguir em frente e saber que esse esforço é para melhorar o futuro deles;

A todos nossos colegas de turma, em especial “Os melhores” Lorena, Rayanne, Amanda, Francilene, Alessandra, Artur, Debora e Luiz Otávio, Luciani, Michelle e Andreza, com quem passamos por momentos inesquecíveis, bons e outros nem tão bons assim, mas que ficarão guardados em nossa memória, foram tardes que tornaram esta caminhada mais leve, pois tínhamos uns aos outros;

A todos os professores que passaram por nós e dividiram conosco seus valiosos ensinamentos, contribuindo para o nosso conhecimento e formação profissional;

À professora Alessandra Monteiro por nos apresentar a Terminologia, pela qual nos apaixonamos, e claro, pela orientação, incentivo e confiança;

As pessoas que contribuíram com essa graduação João Batista (Meu pai Postiço) e Lorena (irmã de coração) por me acolherem no seio de sua família;

À amiga Regiane Gonçalves pela contribuição e brincadeiras nos momentos de tensão;

Às pessoas que contribuíram para a pesquisa, em especial: José, Pauda e Nilmara Brabo, e Raimunda;

A todos os pescadores que fazem da pesca artesanal um ofício digno de admiração, fruto da inteligência e habilidade humana;

Nós agradecemos a todas as pessoas que nos ajudaram direta e indiretamente para a nossa formação ao longo do curso, a todos, nossa eterna gratidão.

“Não há dúvida de que o caráter dinâmico é um dos aspectos mais perceptíveis das línguas naturais.”

Alves e Barros

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) traz como proposta a elaboração de um Glossário Terminológico do ofício da Pesca Artesanal praticada nos municípios de Igarapé – Miri/PA (Rio Panacauera, zona rural) e Barcarena/PA (Vila do Conde, zona urbana), composto de 204 verbetes (termos - entrada) e suas variantes terminológicas (lexicais, topoletais e morfossintáticas), encontram-se analisados, registrados e classificados linguisticamente, seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da Lexicologia, Terminologia/Terminografia e Socioterminologia. Os termos (lexias especializadas) que compõem o Glossário Terminológico da Pesca Artesanal[1] foram extraídos de 10 (dez) narrativas orais de pescadores artesanais, profissionais que atuam na Pesca Artesanal e utilizam embarcações de madeira de pequeno e médio porte, em duas regiões distintas do baixo Tocantins, a saber, Rio Panacauera, zona rural e Vila do conde, zona urbana distritos de Igarapé-Miri/PA e Barcarena/PA, respectivamente. No que tange à linguística de campo, utilizamos como norte, as técnicas de coletas de dados adotada pelo Projeto ALiPA e Projeto ALiB com algumas adaptações. Desta feita, foram arrolados 10 (dez) pescadores artesanais que trabalham há mais de 05 (cinco) anos no oficio, nascidos e criados ou que residem na localidade a mais de 10 (dez) anos nas comunidades de fala pesquisadas. Para a coleta dos dados, foram aplicadas as seguintes técnicas: 10 (dez) entrevistas com os 10 (dez) informantes; gravações digitais em formato MP3 de 10 (dez) narrativas orais; aplicação de um questionário semântico – lexical (QSL) com perguntas relativas ao universo da pesca artesanal; transcrição grafemática parcial de trechos dos discursos dos informantes onde os termos se realizam morfossintaticamente, para a composição do glossário terminológico proposto. Ao analisarmos o *corpus* coletados encontramos variantes terminológicas *topoletais, lexicais* e *morfossintáticas* condicionadas pelos fatores sociais e geográficos *escolaridade, idade* e *região.*

Palavras-chave: Socioterminologia. Glossário Terminológico da Pesca Artesanal. Variação terminológica.

[1] Expressão utilizada por nós para fazermos referência à terminologia em análise.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

Albras – Alumínio Brasileiro S. A.

ALiPA - Atlas Geo-sociolinguistico do Pará.

ALiB - Atlas Linguístico do Brasil.

Alunorte – Alumínio do Norte S. A.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **10**

CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS **14**

CAPÍTULO II – DO OFICIO DA PESCA ARTESANAL NOS DISTRITOS DE VILA DO CONDE E RIO PANACAUERA, REGIÃO DO BAIXO TOCANTINS-PA: BREVE HISTÓRICO DAS CIDADES DE BARCARENA E IGARAPÉ-MIRI. **18**

2.1 BARCARENA/PARÁ. DA PESCA NA VILA DOS CABANOS 18

2.2 IGARAPÉ-MIRI/PARÁ: DA PESCA NO RIO PANACAUERA 19

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO **22**

3.1 O UNIVERSO DA PESQUISA 22

3.2 DA COLETA DE DADOS 23

3.3 SELEÇÃO DOS INFORMANTES: ENTREVISTAS E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL 24

3.4 LEVANTAMENTO DO *CORPUS* DA PESQUISA 25

3.5. DO TRATAMENTO DOS DADOS 25

CAPÍTULO IV – METODOLOGIA DE ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO TERMINOLOGICO **27**

4.1 DA SELEÇÃO DOS TERMOS DO DICIONÁRIO. 27

4.2 DA ORGANIZAÇÃO DOS TERMOS NA MACROESTRUTURA DO DICIONÁRIO 27

4.3 DO TRATAMENTO DOS DADOS 28

4.4 DA ORGANIZAÇÃO DOS TERMOS NA MICROESTRUTURA DO DICIONÁRIO 29

CAPÍTULO V – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS **34**

5.1 FORMAÇÃO MORFOSSINTÁTICA DOS TERMOS 34

5.2 ESTRUTURA MORFOLÓGICA DOS SINTAGMAS TERMINOLÓGICOS 34

5.3 CLASSIFICAÇÃO DAS VARIANTES TERMINOLÓGICAS: 35

CONSIDERAÇÕES FINAIS **42**

ANEXOS **44**

ANEXO: A - Glossário Terminológico Da Pesca Artesanal Do Baixo Tocantins **51**

ANEXO: B - Ficha Do Informante **96**

ANEXO: C - QSL **98**

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que a cultura de um povo é difundida pela língua e que esta possui um caráter dinâmico, além de tratar-se do veículo de comunicação dos seres humanos, constatamos que o estudo de um vocabulário não poder ser realizado sem levar em consideração o fator social, cultural e histórico, uma vez que acreditamos que não se pode analisar a língua como fenômeno isolado, deixando de lado os fatores extralinguísticos. Pois, ao considerarmos as observações feitas por Biderman (1998, p. 11): "O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente", dando vida a língua.

Assim sendo, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), propõe a construção de um glossário terminológico *Pesca Artesanal No Baixo Tocantins.* Levando em consideração que, a pesca artesanal é uma prática cultural definida e difundida através de nossos antepassados até os dias atuais, além de ser uma atividade milenar, sem tempo cronológico definido com exatidão. É um oficio caracterizado primordialmente pela mão de obra familiar, com embarcações de pequeno e médio porte, sua área de atuação é sempre na localidade exercida e os equipamentos variam de acordo com a espécie de peixe a ser capturado.

A Lei nº 11.959, de junho de 2009, elenca a pesca artesanal como uma atividade comercial ou de subsistência, quando praticada diretamente por pescadores de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria e desembarcado. Neste trabalho os pescadores entrevistados exercem a pesca de subsistência, comercial em pequena escala e regime de economia familiar.

A Região Norte do Brasil, por apresentar a maior bacia hidrográfica do mundo com aproximadamente 7 milhões de quilômetros quadrado, dos quais cerca de 4 milhões estão em terras brasileiras. E tendo uma extensa área costeira, seus mares e rios acabam representando uma das mais importantes fontes de alimento e emprego para o povo da Amazônia, segundo IBGE[2]. No Brasil, estima-se que envolva aproximadamente 2 milhões de pessoas, sendo um importante gerador de empregos e renda para as camadas mais pobres da população além da importância fundamental para o granjeio do alimento, não só das comunidades ribeirinhas, visto que o setor é responsável por mais da metade da produção de pescado brasileiro e estima-se que seja também responsável pelo equivalente a 50% do pescado consumido no país. A título de informação a região Norte forneceu 136.588 toneladas de peixe no ano 2010.

[2] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE,Censo 2010.

A pesquisa em questão foi realizada em duas localidades distintas, em Igarapé – Miri/PA (Rio Panacauera, zona rural) e Barcarena/PA (Vila do Conde, zona urbana). Com a finalidade de registrar o vocabulário especializado (termos técnicos) utilizado pelos pescadores. Para isso, foi feito o levantamento lexical levando em consideração a análise e interpretação dos dados do contexto de uso social, histórico e cultural onde esta atividade é exercida, da qual resultará em um glossário terminológico com 204 termos.

O trabalho objetivou a identificação, definição e descrição dos termos da linguagem especializada da Pesca Artesanal. Levando em consideração os aspectos metodológicos das chamadas ciências do Léxico, nos termos de Biderman (1984) Lexicologia, Terminologia/Terminohrafia e Socioterminologia, objetivando o levantamento do vocabulário especializado da Terminologia da Pesca Artesanal. Ofício este que corresponde à captura e beneficiamento de peixes de forma artesanal em embarcações de madeira de pequeno e médio porte praticado nos municípios de Igarapé – Miri/PA (Rio Panacauera, zona rural) e Barcarena/PA (Vila do conde, zona urbana).

A pesquisa desenvolveu-se mais precisamente, com base nas orientações teórico-metodológicas da Socioterminologia que é o ramo da linguística, que tem como alvo os aspectos sociais condicionantes das variações linguísticas, englobando a terminologia que estuda o léxico especializado de uma língua e a parte aplicada da Terminografia com a confecção de um glossário terminológico, ciência dos estudos linguísticos e comunicativos especializados.

Orientando-se pelas considerações feitas acima, o trabalho em questão traz em anexo um Glossário Terminológico Da Pesca Artesanal.os termos do glossário são utilizados por um grupo de indivíduos que desenvolvem atividades profissionais relacionadas a Pesca Artesanal nos municípios Igarapé – Miri/PA (Rio Panacauera, zona rural) e Barcarena/PA (Vila do conde, zona urbana). A presente obra intitulada *Terminologia da Pesca Artesanal no Baixo Tocantins*, faz um levantamento dos termos relativos às atividades pesqueiras realizadas em dois distritos distintos da região do Baixo Tocantins, a saber, Vila do Conde, zona urbana e Rio Panacauera, zona rural, partindo de um propósito essencialmente linguístico-descritivo dos termos em questão, para a elaboração do glossário.

Este trabalho esta organizado na forma de monografia e divide-se em cinco Capítulos e seções que tratam dos estudos terminológicos em geral, a saber:

- Pressupostos Teóricos: dos estudos das chamas ciências do léxico.

- Do ofício da pesca artesanal nos Distritos de Vila do Conde e Rio Panacauera, Região do Baixo Tocantins-Pa:
  - Histórico da pesca nas cidades de Barcarena e Igarapé-Miri: o oficio da pesca artesanal nos distritos de Vila do Conde e Rio Panacauera.

- Metodologia da pesquisa: coletas de dados e constituição do corpus.

- Metodologia de organização do Glossário.
- Analise e interpretação dos dados: Variantes Socioterminologia da terminologia da Pesca artesanal.

No primeiro capítulo, "Pressupostos Teóricos: dos estudos das chamas ciências do léxico", trataremos de oito seções metodológicas norteadoras dessa pesquisa que abordam os estudos terminológicos no Brasil, onde as ciências do léxico, tais como: Lexicologia, Lexicografia, que já eram efetuadas como pesquisas pelos cientistas da linguagem, numa perspectiva da comunicação social do conhecimento humano e a Terminologia uma ciência que tem por objeto de estudo os léxicos especializados que codificam uma área do saber técnico/cientifico humano que se expressa por meio de um conjunto de signos linguísticos (palavras/termos) variados nos discursos especializados das classes de profissionais.

No segundo capítulo, "Do Oficio da Pesca Artesanal nos Distritos de Vila do Conde e Rio Panacauera, Região do Baixo Tocantins-PA", faremos um breve histórico dos municípios de Igarapé-Miri e Barcarena, com o foco para as comunidades de fala do Rio Panacauera zona rural e Vila do Conde zona urbana, onde foram realizadas a pesquisa, enfatizando o ofício da Pesca Artesanal, dos *pescadores artesãos* destas duas localidades, da região do Baixo Tocantins.

No terceiro capítulo, **"**Metodologia da pesquisa: coletas de dados e constituição do corpus" apresentaremos a base do trabalho começando pelo planejamento e execução da pesquisa de campo, deixando exposto objetivo do trabalho, o público-alvo, seguindo os critérios usados para seleção dos informantes, bem como os instrumentos usados na coleta dos dados terminológicos. Ainda neste capítulos, demonstraremos os procedimentos feitos durante a coleta de dados.

Fechamos esse capítulo tendo como base o contexto amazônico por meio do projeto ALiPA[3] e ALiB[4].

No quarto capítulo, "Metodologia de Organização do Glossário", apresentaremos a estrutura do glossário terminológico, sua organização de forma clara e objetiva. Levando em consideração a microestrutura e macroestrutura, com as abreviações e procedimentos remissíveis, referências e características sociais e profissionais dos informantes.

O quinto e último capítulo, "Análise e interpretação dos dados: Variantes Socioterminologia da terminologia da Pesca artesanal*"*, faremos uma análise dos termos coletados da narrativa dos informantes, mostrando as variações terminológicas que ocorrem no discurso dos mesmos nos dois distritos pesquisados. Além de presentarmos os termos variantes nas tabelas das variantes topoletais, lexicais e morfossintática, sendo que cada uma mostrando as variações que ocorre na faixa de escolaridade, zona, idade e sexo. Entendemos com detalhe a tabela no quinto capítulo.

[3] O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará (ALiPA) - é um projeto de pesquisa ligado ao laboratório de linguagem da Universidade Federal do Pará. Que tem por objetivo a construção de um Atlas Geo-Sociolinguistico do Pará, o projeto é coordenado pelo Prof. Dr. Abdelhak Razky.

[4] O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) – empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, em desenvolvimento – tem por objetivo a realização de um atlas geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa.

CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Esta pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teóricos das chamas ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Socioterminologia, Terminologia e Terminografia que possuem em comum o estudo do léxico de uma língua. Para compreender o que é o léxico e sua representação para uma comunidade linguística, podemos tomar como base as definições de Fausltich que:

> O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema de léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeito-agente no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua (FAUSLTICH, 1998, p.1).

Com base nessa afirmação, pode-se dizer que o léxico ocorre através das mudanças sociais e culturais provocando transformações nos usos vocabulares, resultando em unidades completas do léxico que podem ser marginalizadas ou entrar em desuso e vir a desaparecer, porém podem vir a serem ressuscitados termos que podem voltar à circulação apresentando novas conotações, ou seja, a língua está em um constante processo de evolução, seja com novos termos ou reciclando termos já utilizados. Enfim, esses novos vocábulos ou novas significações de vocábulos já existentes, aparecem para enriquecer o léxico. E, por isso surge a Lexicologia ciência que estuda a palavra no nível do sistema linguístico, isto é, a língua global, falada por todos os falantes, já a Terminologia estuda o nível de universos de discurso especializados, ou seja, fica restrita apenas ao sentido do termo específico, que neste caso, são os termos da Pesca Artesanal na Vila do Conde, município de Barcarena/PA e Rio Panacauera, município de Igarapé-Miri/PA.

No que concerne à Terminologia, norteamo-nos na afirmação que esta terminologia é uma disciplina cientifica que estuda os termos de uma área de especialidade, estudo esse que se dá pela contribuição de especialistas em outras matérias como Eugen Wuster (1898 – 1977), engenheiro austríaco que, nos anos de 1930, estabeleceu as bases da chamada Escola Terminológica de Viena. No Brasil, esta ciência implantou-se efetivamente em meados dos anos 80, primeiramente dentro das universidades onde os cientistas dos cursos de Lexicologia e Lexicografia interessaram-se pela nova ciência que também estudava o léxico a partir de uma análise mais restrita. É importante ressaltar, que na Terminologia existem dois elementos temporais para a análise dos termos que são: a sincronia, que faz com que formas variantes apresentem o mesmo significado referencial, e o outro, que é a diacronia, que se orientam

através da história, possibilitando sistematizar estruturas léxico-terminológicas variantes que nos permitem analisar termos validados ou não na atualidade.

A Terminologia é a ciência que resgata e mantém a identidade de um país, região ou grupo, ela "é um instrumento de intervenção, de implantação de políticas linguísticas e modernização da sociedade" (Barros, 2004, p.45).

É importante ressaltar que a competência de sistematizar as informações de uma base e analisar imensos volumes de dados recuperados de sistemas distintos, depende da capacidade de se controlar o vocabulário da área em questão. A metodologia para uma produção terminológica pode se dar de maneiras diferentes, seja em forma de dicionários, glossários ou tesauros, a Terminologia terá caminhos diferenciados para a coleta, descrição e processamento dos termos. Assim sendo, temos que o termo "é um item lexical que tem função comunicativa interlinguística ou intralinguística, com valor social e cultural" (Faulstich, 1993, p. 21). Em resumo os termos de uma área especifica são a matéria-prima para uma obra terminográfica, obra essa, que para os usuários da língua tem papel fundamental para a comunicação em âmbito profissional ou em situações peculiares. Uma determinada prática gera determinados produtos e a Terminologia organiza e formaliza esses produtos, em outras palavras tais "produtos" são os termos recolhidos em uma determinada pesquisa terminológica de uma área específica do saber e que irão apresentar "um conjunto de unidades cognitivas que representam um conhecimento especializado" (Cabré, 1995, p. 290)

Sobretudo, os termos são signos que formam um conjunto de palavras encontrando sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, são entidades variantes porque fazem parte de situações comunicativas distintas, ou seja, do léxico especializado que passam por evoluções, devendo ser analisadas no plano sincrônico e diacrônico da língua.

> Toda palavra, todo termo são geridos pelo léxico, pela semântica e, por isso, são passiveis de serem lexicografados e terminografados, pois devem receber definições e conceitos precisos, daí o conceito possuir características especificas que se organizam por meio de traços observáveis ou imagináveis. Diante disto, o termo e o conceito são o signo e o significado: *"um conceito é uma unidade de conhecimento que contem os atributos de um dado referente chamado termo"* (FAULSTICH, 1993, p. 02).

No sistema abstrato que é a língua, distinguem-se o léxico da gramática, pois as palavras são da língua e não da fala, pois são entidades abstratas que formam o sistema linguístico permanente da língua. Por isso, termos como *palavra* e *vocábulo* da linguagem comum apresentam equívocos e, por "essa razão os linguistas cunharam o termo lexema para designar a unidade léxica abstrata da língua" (Biderman, 1998, p. 07)

A lexia é a unidade significativa do léxico de uma língua, ou seja, a palavra fora da frase com significado social. Palavras como: cachorro, gato, bode, podem ser consideradas como uma lexia da Língua Portuguesa por representarem algo concreto no contexto social, no entanto palavras abstratas também podem ser consideradas lexias pois também possuem um correspondente social. Já o termo que é o objeto de estudo da Terminologia, é constituído por uma palavra ou por um grupo de palavras. O termo é a menor unidade de representação do conceito e, como tal, indispensável na formulação de glossários terminológicos. O termo é a designação do conceito sendo assim, nas ciências ele pode ter várias formas como um código, uma fórmula, ou outro símbolo qualquer. Observando as características da *lexia* e do *termo* podemos perceber que a primeira é mais abrangente por estar ligada à toda uma língua, já o segundo é representante e codificador apenas de uma obra Terminografia específica, ou seja, apenas representa uma única área técnica científica. Enfim, podemos dizer que a língua é a identidade social de um povo, pois é através delas que se pode observar a cultura, o fator social e a ideologia de uma comunidade, bem como as variadas formas do uso destas tornando-se diferentes e criando novos léxicos provando que a comunicação humana se dá por meio de uma língua, e assim criando a cultura, com isso criam histórias que registram a variação linguística e a variação social. Além disso, "O léxico (...) se desenvolve, se expande, se altera e às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos dos vocabularios; daí resulta que unidades ou setores do léxico podem ser marginalizados, entra em desuso e vir a desaparecer" (Birdeman, 1998, p. 11).

Existem algumas posições distintas sobre a concepção da Terminologia como matéria de estudo. Uma primeira concepção ressalta que a ciência "é uma matéria autônoma, autossuficiente e totalmente original" (Cabré, 1995, p. 291) e que possui seus próprios pressupostos; outra concepção diz que a Terminologia não é autônoma e sim uma parte de outras disciplinas como a linguística e filosofia, "aceitar essa concepção é considerar que a terminologia não tem autonomia alguma" (Cabré, 1995, p. 291), a terceira concepção (que é a mais plausível) considera que a Terminologia é uma matéria interdisciplinar e tem seus fundamentos vindos da linguística, oncologia e especialidades, nesse caso este estudo reúne e seleciona os aspectos que melhor lhe servem de cada uma de suas bases. A Terminologia teria assim seu "caráter interdisciplinar, ao agregar conceitos e métodos de outras disciplinas e ser influenciada pelas áreas técnico-científicas às quais presta serviços" (Dias, 2000, p.91).

O estudo terminológico da pesca artesanal foi pouco estudado pela comunidade científica, sendo pouco explorado, no entanto, algumas publicações já foram produzidas. Citamos nesse trabalho duas pesquisas feitas na Universidade Feral do Pará, Campus de

Abaetetuba, que se referem à terminologia da pesca artesanal; ambas pesquisas foram feitas para a construção de dois trabalhos de conclusão de curso. Jaqueline de Andrade Batista ressalta em seu trabalho que o objetivo principal de uma pesquisa de cunho terminológico é a observação das variações linguísticas apresentadas em uma determinada comunidade com a "finalidade de se conhecer melhor o léxico e termos específicos que particularizam a linguagem da pesca com sua herança cultural e relações sociais" (Batista, 2005, p. 11).

Pinheiro (2009) considera que um trabalho terminológico tem papel fundamental para a comunidade acadêmica que poderá desfrutar do conhecimento adquirido em um contexto social específico, no caso o contexto da pesca artesanal, além disso, outro ponto a favor dessa pesquisa científica seria a divulgação dos aspectos culturais de uma determinada comunidade que até então pode ser "desconhecida para a maioria das pessoas" (Pinheiro, 2009, p. 8).

Pelo fato da língua ser um sistema em constante transformação, esta pesquisa torna-se importante para a comunidade linguística, pois, leva em consideração o léxico e todo o conjunto de fatores sociais e históricos de um determinado grupo de indivíduos, comprovando que existem as alterações e aparecimentos de novos termos lexicais. Além disso, contribui para o conhecimento da variedade linguística, assim como os termos especializados na região Norte do Brasil, mais especificamente em dois distritos, nos municípios de Barcarena e Igarapé-Miri, Pará.

CAPÍTULO II – DO OFICIO DA PESCA ARTESANAL NOS DISTRITOS DE VILA DO CONDE E RIO PANACAUERA, REGIÃO DO BAIXO TOCANTINS-PA[5]: BREVE HISTÓRICO DAS CIDADES DE BARCARENA[6] E IGARAPÉ-MIRI[7].

2.1 BARCARENA/PARÁ. DA PESCA NA VILA DOS CABANOS

Vila do Conde hoje faz parte do Município de Barcarena no Estado do Pará. Desde sua fundamentação em 1654 teve íntima relação com a pesca artesanal, seus habitantes ao longo de décadas retiraram dos rios e igarapés da região seu sustento diário. Junto com trabalhos de campo (como cultivo de mandioca), a pesca sempre teve seu papel fundamental na vida dos moradores deste lugar, no entanto, em 1970, com a implantação do complexo Albras[8]/Alunorte[9], essa época de fartura viria a acabar. As poluições causadas pelas grandes empresas juntamente com a retirada abusiva do pescado viriam a acarretar uma grande diminuição de peixes na localidade, forçando assim os moradores a procurarem outros meios de subsistência, que no caso seriam empregos dentro das próprias empresas que na região se instalaram.

Vila do Conde tem sua história intimamente ligada com seu município Barcarena que, incialmente era povoada pelo povo indígena Aruan. Estes índios foram os mesmos que durante a colonização foram catequizados pelos padres jesuítas. Historicamente as terras hoje onde está localizado o município de Barcarena eram conhecidas pelo nome de Fazenda Giribirié e depois de “Missão Geribirié” sendo está de propriedade dos padres jesuítas.

A história do município de Barcarena, até os primeiros trinta anos do século XX, está ligada aos acontecimentos político administrativo e territorial do município de Belém. O nome “Barcarena” se originou da presença no assento populacional, de uma grande embarcação que havia sido batizada como “Arena”, e à qual os habitantes chamavam de “Barca”. Indo pela lógica a junção destas duas palavras fez com que a cidade ficasse conhecida como Barcarena. Oficialmente a cidade era uma freguesia criada com a definição de São Francisco Xavier de Barcarena e só em 1758 foi elevado à categoria de município. A

[5] Todas as informações contidas nessa seção correspondem a relatos orais dos informantes do universo da pesquisa, e de informações contidas na página oficial da prefeitura dos dois municípios.
[6] Barcarena município brasileiro do estado do Pará, pertencente à mesorregião de Belém. Localiza-se no norte brasileiro, a uma latitude 01º30'21" sul e longitude 48º37'33" oeste.
[7] Igarapé-Miri município do estado do Pará, no Brasil. É conhecido como a "Capital Mundial do Açaí", por ser o maior produtor e exportador desse fruto no mundo.

[8] Alumínio Brasileiro S. A. (Empesa que transforma alumina em alumínio.).
[9] Alumínio do Norte S. A (Empresa que processa a bauxita para a produção de alumina.).

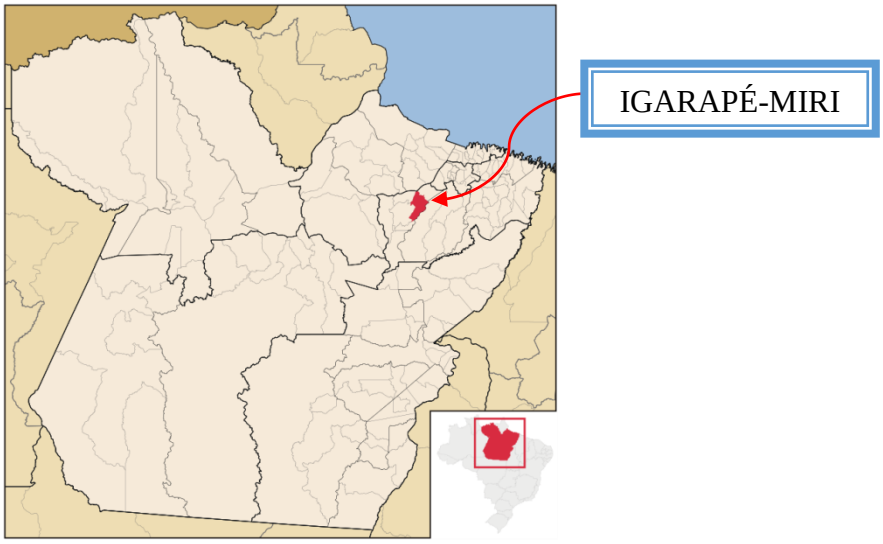
pesca na região de vila do conde era praticada pelos indígenas e ela consistia em uma pesca de subsistência. Algum tempo depois iniciou-se a colonização com a chegada dos padres jesuítas e a mistura de etnias foi se moldando até os dias de hoje. A colonização de Vila do Conde não teve grande impacto no modelo de pesca que ocorria na época na região, porém, com a chegada de mais imigrantes começou-se a se desenvolver o comércio na localidade; assim sendo, a pesca em Vila do Conde deixou de ser apenas de subsistência e passou a apresentar a comercialização do pescado que eram retirados dos rio e igarapés das regiões pelos pescadores. Com o aumento de residentes em Vila do Conde, foram surgindo os primeiros barcos à vela que facilitavam a locomoção dos pescadores e aumentava a quantidade de peixe capturada por eles. A poluição dos rios aumentou em demasia, com a chegada das empresas de beneficiamento do alumínio, que ali se instalaram diminuiu consideravelmente a quantidade de peixes da área e ao passar dos anos até os dias atuais a pesca em vila do conde teve seu comércio bastante reduzido. Hoje a pesca em Vila do Conde voltou à ser basicamente de subsidência com pouco pescado sendo comercializado na região, mesmo com os motores das embarcações e toda a facilidade que eles proporcionam não se pode retirar muito dos rios, pois além da pouca quantidade de peixe há uma necessidade que alguns moradores da região percebem, de recuperação na reprodução das espécies locais. Cientificamente não se pode esperar grandes resultados em relação a qualidade da pesca em Viloa do Conde, pois a poluição ainda continua e sendo a vilã para a perpetuação das espécies de peixes na região, e para os poucos pescadores que ainda dependem da pesca na comunidade chamada de Vila do Conde.

2.2 IGARAPÉ-MIRI/PARÁ: DA PESCA NO RIO PANACAUERA

Igarapé-Miri hoje conhecida como a “capital mundial do açaí” (por ser a maior produtora do fruto no mundo), teve seu começo histórico no reinado de D. João V., suas terras estendiam-se do Rio Santana do Igarapé-Miri até o Rio Itamimbuca. Ganhada por João Melo Gusmão a terra onde hoje fica a cidade foi vendida para um português agricultor chamado Jorge Monteiro que edificou a primeira capela de Senhora Santana. Jorge Monteiro foi sucedido na posse da capela em 1730 por João Paulo de Sarges Barros, que na época prosperou com a produção do melaço, açúcar aguardente e tecidos. A cidade tem como um de seus marcos culturais a festividade de Sant’Ana; festividade essa que ocorre na cidade tem origens portuguesas pois em 1704, com a vinda de Antônio que trouxe consigo uma

“imagem” de Santa Ana que havia sido adquirida por ele em 1700 na cidade de Lisboa para a realização do batizado de sua filha Ana Gonçalves de Oliveira na época com oito anos de idade.

Figura 01: Mapa da localidade



Fonte: Google maps

Outro evento marcante que ocorre na cidade é o *Festival do Camarão* que teve seu início na idealização da professora e coordenadora do Movimento de Alfabetização de Adultos (MOBRAL) que no dia primeiro de março de 1979, observou as experiências de festivais do mesmo Gênero em outros municípios e levou assim sua ideia até o prefeito da cidade Raimundo Danda Lima da Costa, que gostou do projeto e deu o apoio necessário para que o mesmo fosse realizado.

É importante ressaltar que o *Festival do Açaí* que ocorre na cidade surgiu em 1989. Este evento foi idealizado pelo casal Dorival e Conceição Galvão que chefiavam no mesmo ano um projeto de escoteiros em Igarapé-Miri. O festival buscou construir um padrão em sua organização, em sua primeira edição foi realizado em praça pública, aberto ao público e com atrações folclóricas.

O município de Igarapé-Miri é composto na sua maioria por municípios ribeirinhos, o que nos ao rio que hoje é chamado de Panacauera, uma das localidades onde esta pesquisa realizou-se. O Rio Panacauera, antes de ser chamado oficialmente de Panacauera, tinha o nome de seu vizinho próximo o rio Timbuí, no entanto, ao passar dos anos seu nome se

tornaria tal qual conhecemos hoje. A história da colonização do rio não é bem clara e após algumas pesquisas com os moradores mais antigos da localidade algumas peças deste quebra cabeça histórico foram se encaixando. Sabe-se que os primeiros moradores da região vieram por volta de 1839, de uma comunidade próxima chamada de Santa Cruz; senhor Tomás e senhora Rosa, estes foram os moradores mais antigos que foram citados durantes as pesquisas, sendo estes avós de uma moradora conhecida como Dona Raimunda, que ainda reside na localidade. Diferente do esperado a principal atividade econômica na época não era a da pesca artesanal, e sim atividades de roçado, retirada de látex das seringueiras e com a chegada dos primeiros moradores a produção de cachaça em um engenho chamado de *Santa Cruz.* A pesca no início da colonização do Rio Panacauera era praticada apenas para o prover de alimento (subsistência), e só a partir do ano de 1946 com a chegada do senhor Luís acompanhado de seu pai, que era pescador, e segundo relatos do próprio senhor Luís, que a Pesca Artesanal de consumo e comercialização começaram a ser de fato praticadas no Rio Panacauera, eles foram historicamente os precursores da Pesca Artesanal na localidade, fazendo uso de ferramentas rústicas produzidas pelos próprios pescadores. Eles trabalhavam com um barco movido a vela. De acordo com relatos orais, o senhor Luís e seu avô foram seguidos pelos homens da família Brabo que mudaram-se para a região. E estes foram os primeiros pescadores artesanais a tirarem o seu sustento da Pesca Artesanal. O pescado era vendido nas comunidades vizinhas e na sede do município Igarapé-Miri. Hoje os pescadores pescam com embarcações motorizadas, compram suas ferramentas nas lojas de utensílios para pesca nas cidades vizinhas. O pescado é vendido em uma taberna localizada na Vila Cara Fina situada a margem esquerda do Rio Panacauera, para onde a comunidade em geral dirige-se para comprar o peixe.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO

3.1 O UNIVERSO DA PESQUISA

O presente trabalho apresenta uma pesquisa realizada em dois municípios da região do Baixo Tocantins, sendo eles, município de Igarapé-Miri/PA no Rio Panacauera zona rural a 3 horas de barco da cidade de Igarapé-Miri/PA, e município de Barcarena/PA na Vila do Conde zona urbana a 30 minutos de carro da cidade de Barcarena/PA. A escolha desses municípios se deu em razão do caráter conservador da pesca artesanal nas duas regiões, com relação ao uso de inovações tecnológicas (instrumentos modernos no ramo da pescaria), e perpetuação da tradição passada de geração em geração transmitida oralmente. Tendo em vista que a pesca artesanal, segundo os informantes dessa pesquisa, está deixando de ser praticada, posto que, a matéria prima dessa prática é o pescado, que devido a sua escassez esta cada dia mais difícil de ser capturado da natureza nas regiões hidrográficas. Foram os motivos que nos levaram a escolher essas localidades para a realização da pesquisa.

A pesquisa em questão realizou-se em dois momentos, durante o período de 02 de Janeiro a 20 de Março do ano de 2017. No primeiro momento fizemos a releitura de alguns conceitos sobre a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia, com a finalidade de compreender o estudo e a construção de um vocábulo terminológico, a coleta de dados, delimitação e construção do *corpus*, de um glossário terminológico. E no segundo momento fomos a campo para realização da coleta de dados, para a construção do glossário terminológico da pesca artesanal do Baixo Tocantins.

Partindo dos conceitos revisitados da Socioterminologia, e da compreensão dos procedimentos de uma pesquisa de campo, começamos a coleta de dados. Norteados pelo Questionário Semântico Lexical - QSL com adaptações (modelo Projeto ALiB e ALiPA), iniciamos as entrevistas com os informantes, para obtermos o *corpus* do trabalho, esta pesquisa se deu com 12 (doze) informantes, todos atuantes na profissão da pesca a pelo menos 10 (dez) anos, sendo que, 06 (seis) informantes são do Rio Panacauera, zona rural, município de Igarapé-Miri – PA e 06 (seis) da Vila do Conde, zona urbana, município de Barcarena – PA. O *corpus* coletado foi formado a partir de fontes orais, retiradas da fala dos informantes. Para essa coleta de dados fizemos uso de gravações fônicas feitas de um celular digital, seguido da digitalização das entrevistas e definição do *corpus* coletado. Por este trabalho

tratar-se de um glossário terminológico ilustrado, no momento de coleta dos dados registramos com uma câmera digital e através de um celular digital, imagens do *corpus*. As entrevistas foram realizadas no local de atuação dos informantes, e apesar deste ser um oficio predominantemente exercido por homens, nesta pesquisa, dos 24 (vinte e quatro) informantes, 02 (dois) são do sexo feminino.

3.2 DA COLETA DE DADOS

A pesquisa de campo e coleta de dados foi realizada no período de 25 de Janeiro a 15 de Março de 2017, embasada na seguinte metodologia:

- Visita previa a comunidade alvo da pesquisa;
- Seleção dos informantes;
- Entrevista com os informantes: norteadas pelo Questionário Semântico Lexical (QSL), com perguntas relacionadas ao oficio da pesca como: etapas, processos e beneficiamentos do pescado; tipos de pesca, pescado e isca; embarcações, ferramentas e objetos utilizados na pesca e fenômenos da natureza que condicionam a pescaria;
- Preenchimento de Fichas Sociolinguísticas, para levantamento do perfil social de cada informante como: idade, sexo, escolaridade, local de origem transcrição grafemática dos termos;
- Gravações em MP3 de narrativas orais dos informantes, com aproximadamente 10 horas de gravação, sendo o *corpus* da pesquisa de natureza oral (língua falada);
- Transcrições grafemáticas parciais dos termos.
- E filmagens digitais com o intuito de compreendermos melhor os processos e ações do oficio da pesca artesanal nas comunidades pesquisadas.

No que concerne à organização, esta pesquisa está organizada em campos semânticos que ficam divididos assim: Captura e beneficiamento do pescado: processos, etapas e ações diversas; universo da pesca artesanal: embarcações, instrumentos, ferramentas e objetos; tipos de pesca, pescado e isca; e fenômenos da natureza. Resultando na elaboração de um glossário ilustrado sistemático da terminologia da pesca artesanal do Rios Panacauera e da Vila do Conde, municípios de Igarapé-Miri e Barcarena, respectivamente. A apresentação dos verbetes nesse glossário está em ordem alfabética e segue a microestrutura adaptada da proposta proposta por Faulstich (1995), com o acréscimo do dado *variante* (se for necessário)**,**

de acordo com a nossa organização, para assim procedermos na definição dos termos com suas variantes terminológicas, como na estrutura disposta a seguir:

TERMO-ENTRADA + CATEGORIA GRAMATICAL + DEFINIÇÃO + REMISSIVA ± VARIANTE + CONTEXTO ± NOTA.

3.3 SELEÇÃO DOS INFORMANTES: ENTREVISTAS E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

A seleção dos informantes iniciou com uma visita prévia as comunidades de fala pesquisadas (Rio Panacauera, zona rural, município de Igarapé-Miri – PA e Vila do Conde, zona urbana, município de Barcarena – PA.) a fim de entendermos o universo sociocultural onde o ofício da pesca artesanal é realizado. O que nos levou a conclusão de que o número de pescadores (sexo masculino) é bem superior ao número de pescadoras (sexo feminino) nas regiões pesquisadas, visto ser esta uma prática que requer a aplicação de força bruta.

No que concerne aos critérios da escolha dos informantes da pesquisa, foram entrevistadas pessoas nascidas ou que residem a mais de 10 (dez) anos, na comunidade de fala. Desse modo, as entrevistas foram realizadas na casa dos informantes e raras vezes no local de trabalho dos pescadores, a Baía do Tocantins, por esse oferecer risco a integridade física dos pesquisadores. Assim, correspondem aos informantes desta pesquisa 12 (doze) pescadores artesanais que atuam nesta atividade a mais de 10 (dez) anos, com idade variando entre 19 (dezenove) e 30 (trinta) a 40 (quarenta) e 70 (setenta) anos, analfabetos, semianalfabetos (até a 4ª Série do Ensino Fundamental), e informantes com ensino médio completos, de zona rural e urbana conforme demonstra a tabela a seguir.

Tabela 01: Estratificação social dos informantes

Nº	SEXO	ESCOLARIDADE	FAIXA ETÁRIA	IDADE	ZONA	MUNICIPIO
1	M	Alfabetizado	19 a 30	19	Rural	Igarapé-miri
2	M	Semianalfabeto	31 a 45	32	Rural	Igarapé-miri

3	F	Semianalfabeto	31 a 45	35	Rural	Igarapé-miri
4	M	Semianalfabeto	46 a 70	62	Rural	Igarapé-miri
5	M	Semianalfabeto	46 a 70	67	Rural	Igarapé-miri
6	M	Alfabetizado	18 a 30	18	Urbano	Vila do Conde
7	M	Alfabetizado	30 a 45	39	Urbano	Vila do Conde
8	F	Semianalfabeta	46 a 70	52	Urbano	Vila do Conde
9	M	Semianalfabeto	46 a 70	54	Urbano	Vila do Conde
10	M	Alfabetizado	46 a 70	54	Urbano	Vila do Conde

3.4 LEVANTAMENTO DO *CORPUS* DA PESQUISA

O *corpus* desta pesquisa é essencialmente de natureza oral, proposta essa que se difere da terminológica tradicional, visto que os dados levantados são veiculados exclusivamente por meio da língua falada, o que foge as imposições normativas do uso da norma padrão da língua portuguesa. O *corpus* apresentado neste trabalho foi constituído de 12 (doze) entrevistas, contabilizando um total de 12 narrativas orais gravadas em MP3 das quais foram retirados 204 termos que correspondem à 204 termos entradas no Glossário Terminológico da Pesca Artesanal.

3.5. DO TRATAMENTO DOS DADOS

Foram feitas um total de 10 (dez) entrevistas com 10(dez) informantes aos quais foram utilizadas as seguintes técnicas de coleta de dados: metodologia dos projetos ALiPA e ALiB com adaptações no uso do questionário com perguntas relativas às atividades desenvolvidas pela comunidade pesqueira de fala; aplicação de fichas sociolinguísticas utilizadas no levantamento de dados sociais sobre os informantes no que diz respeito à idade, escolaridade, local de origem (para estratificação social do informante); gravações digitais em MP3 das narrativas orais dos informantes e transcrições grafemáticas parciais (modelo adaptado ALiPA e ALiB) de trechos das narrativas orais dos informantes. Expomos na tabela abaixo os sinais grafemáticos utilizados nas transcrições dos áudios:

Tabela 02: Sinais grafemáticos

ABREVIATURA	FUNÇÃO
(...)	Indica a **supressão de trechos** do discurso do informante;
( )	Indica a **fala do pesquisador**;
< >	Indica **o termo** em análise;
[ ]	Indica a **inserção de elementos lexicais** no discurso do informante;
...	Indica **pausa** no discurso do informante.

CAPÍTULO IV – METODOLOGIA DE ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO TERMINOLOGICO

4.1 DA SELEÇÃO DOS TERMOS DO DICIONÁRIO.

Constituem entradas do dicionário:

a) Termos que denominam pescadores, pesca, ações, processos, suporte, instrumentos, objetos em geral relacionados às atividades pesqueira nos municípios de Vila do Conde, localizado na zona urbana do município de Barcarena/PA; e Rio Panacauera, localizado na zona rural do município de Igarapé – Miri/PA;

b) Termos que caracterizem o universo sociocultural relacionado à terminologia da Pesca Artesanal, em análise, que apresentam um grau de realização considerável e significativa nos discursos dos informantes.

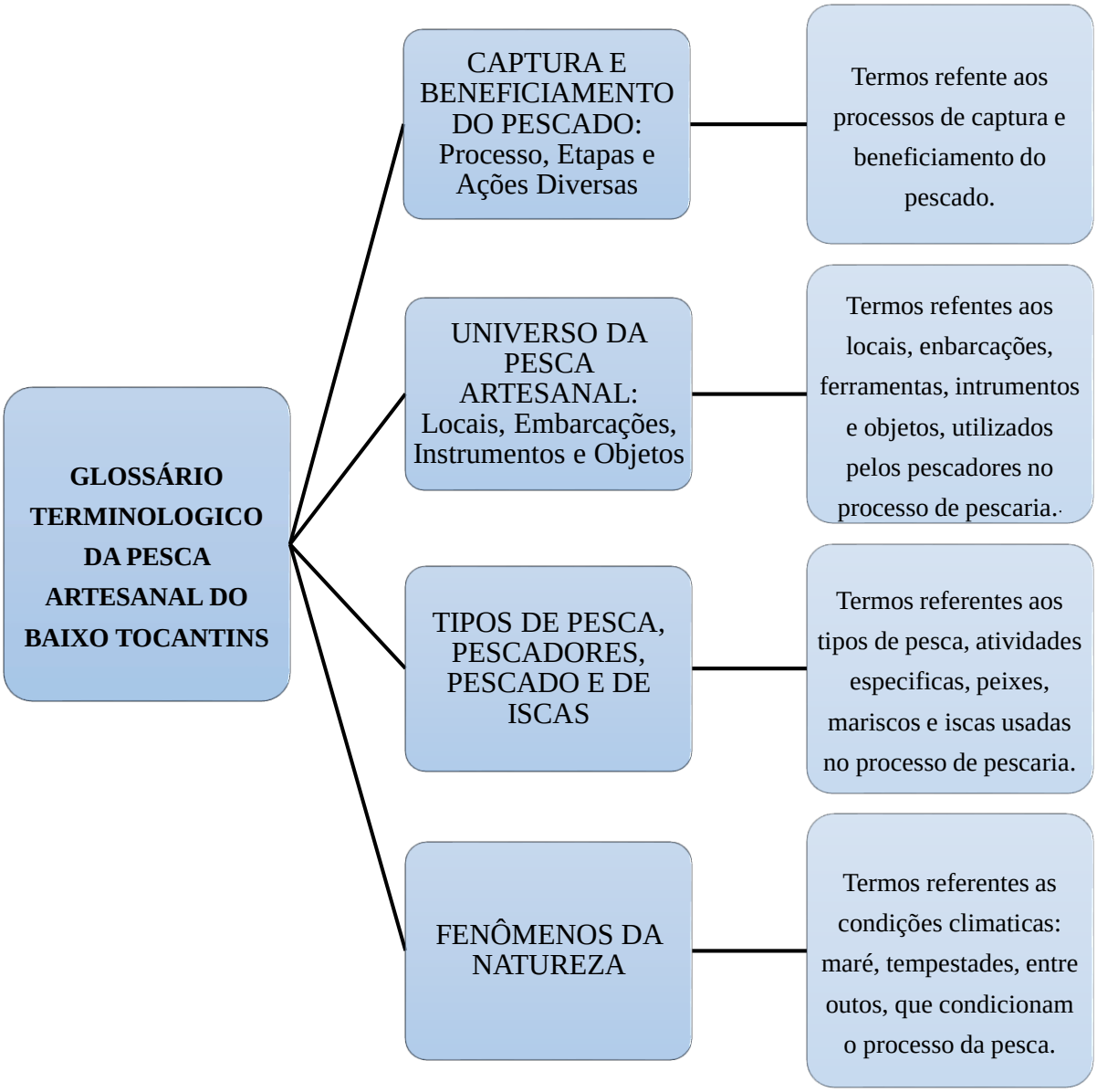
4.2 DA ORGANIZAÇÃO DOS TERMOS NA MACROESTRUTURA DO DICIONÁRIO

Os termos que compõem a Terminologia da Pesca Artesanal foram distribuídos na macroestrutura do glossário de forma sistemática, ou seja, dentro de seus campos conceituais em ordem alfabética e em quatro (04) campos conceituais, assim definidos:

1. **CAPTURA E BENEFICIAMENTO DO PESCADO (Processo, Etapas e Ações Diversas):** composto de termos que fazem referência ao processo de captura, beneficiamento do pescado e ações diversas;
2. **UNIVERSO DA PESCA ARTESANAL (Locais, Embarcações, Instrumentos e Objetos):** composto por termos que denominam os lugares em que onde pratica-se a pesca, tipos de embarcações usadas para a pesca, instrumentos e objetos utilizados pelos pescadores artesanais no processo de captura do pescado;
3. **TIPOS DE PESCA, PESCARIA, PESCADO E ISCAS:** composto de termos que denominam os tipos de pesca executadas pelos pescadores artesanais, tipos de atividades especificas dos pescadores, tipos de peixes capturados e iscas usadas na pesca artesanal:
4. **FENÔMENOS DA NATUREZA**: composto de termos relacionados a natureza que condicionam a pesca artesanal, como: os tipos de maré e condições climáticas.

Dispostos hierarquicamente na tabela seguinte:

Figura 02: Macroestrutura



4.3 DO TRATAMENTO DOS DADOS

Quanto à *grafia*, os termos do glossário seguem ortográfica oficial corrente, de acordo com a regularidade ortográfica da língua portuguesa (variante brasileira).

Quanto ao *sistema de remissivas*, este indica:

a) As variantes terminológicas;

b) As relações conceituais que se estabelecem entre os termos do glossário: de hiperonímia, termos que pertencem ao mesmo campo conceitual, e de hiponímia, relações de sentido entre os termos de campos conceituais diferentes.

Assim, quanto à indicação das relações de sentido entre os termos e suas entradas no glossário, definimos que os hiperônimos constituem uma única entrada e os termos hipônimos constituem entradas independentes, de acordo com as abreviaturas dispostas na tabela seguinte:

Tabela 03: Sistemas de remissivas

REMISSIVA	FUNÇÃO
V. :	Remete às **variantes** terminológicas lexicais, morfossintáticas e topoletais do termo - entrada;
Ver:	Remete ao **termo** com o maior grau de frequência e atualização no discurso (narrativas orais) dos informantes;
Cf.:	Remete aos termos em relação de hiperonímia/hiponímia.

4.4 DA ORGANIZAÇÃO DOS TERMOS NA MICROESTRUTURA DO DICIONÁRIO

No que concerne a microestrutura do dicionário, consideramos os seguintes campos na estrutura dos verbetes:

O **termo entrada** corresponde à lexia especializada presente nos discursos dos informantes (Pescadores Artesanais).

Quanto à indicação da **categoria gramatical** dos termos, esta é indicada pelas abreviaturas dispostas na tabela seguinte:

Tabela 04: Categoria gramatical

ABREVIATURA	FUNÇÃO
s.m.:	Remete aos nomes (substantivos) ou expressões nominais no masculino;
s.f.:	Remete aos nomes (substantivos) ou expressões nominais no feminino;
v.t.:	Remete aos verbos ou locuções verbais transitivas;
v.int.:	Remete aos verbos ou locuções verbais intransitivas;

S.T.:	Remete aos sintagmas terminológicos (unidades terminológicas complexas, formados por mais de uma lexia).

O campo **definição** consiste na construção da definição terminológica a ***definição por compreensão*** constituída de ***termo genérico*** (arquilexema) **+** ***características específicas*** (traços distintivos que delimitam e especificam o referente (realidade) denominado pelo termo), considerada como a ideal para trabalhos terminológicos. Nessas definições, o *termo genérico* não pertence, geralmente, à terminologia em análise, e aproxima-se, via de regra, do significado expresso na língua comum (língua não especializada) por esse mesmo item lexical.

O termo genérico, segundo Rondeau (1984), situa-se numa zona intermediária entre a língua comum e a língua de especialidade (terminologia usada por um grupo de pessoas que compartilham um mesmo conhecimento técnico-científico sobre uma realidade).

Assim, na apresentação do termo **Pesca artesanal**, temos o seguinte:

Pesca artesanal. S.T.s.f.: Captura artesanal de *peixes* e *crustáceos* nos rios, igarapés e baias da região do baixo Tocantins, praticada de várias formas (*pesca de rede*, *de matapi*, *de caniço*, *de tarrafa*, *de anzol*, e suas variantes), cuja a finalidade é a subsistência (alimentação) dos pescadores e suas famílias e a comercialização em pequena escala, praticada principalmente, com mão de obra familiar (pais, filhos e netos), com embarcações feitas de madeira de pequeno e médio porte.

Cf.: peixes, crustáceos, pesca de rede, pesca de matapi, pesca de tarrafa, pesca de anzol.

> - A gente trabalha com <pesca artesanal> né porque a rente vai todo dia pesca e nossa pesca é pouca quando dá pra renti vender arenti vendi, quando ao a rentira pá boía [comida/alimentação]. (P., 54, Semianalfabeto, V. C., Z. Urb.).

NOTA: A pesca artesanal é caracterizada pelo tempo que o pescador fica no seu local de pesca, no caso da pesca artesanal nas regiões pesquisadas os pescadores vão e voltam, para suas residências, todos os dias nos pesqueiros.

Em que a lexia *captura artesanal* (arquilexema) corresponde ao *termo genérico* e a sentença *"*de peixes e crustáceos nos rios, igarapés e baias da região do baixo Tocantins, praticada de várias formas (pesca de rede, de matapi, de caniço, de tarrafa, de anzol, e suas

variantes), cuja a finalidade é a subsistência (alimentação) dos pescadores e suas famílias e a comercialização em pequena escala, praticada principalmente, com mão de obra familiar (pais, filhos e netos), com embarcações feitas de madeira de pequeno e médio porte.", corresponde aos *traços distintivos* do termo.

A cerca das relações de sentido entre os termos e suas entradas no dicionário, definimos que:

- Os hiperônimos constituem uma única entrada;
- Os termos hipônicos constituem entradas independentes;
- As diferentes acepções (polissemia) de um termo são indicadas por numeração em ordem crescente no corpo do verbete.

Assim, temos:

Tala. s.f.: 1. Instrumento orgânico feito da árvore de paxiuba, utilizada na pesca de borqueio, serve para procurar peixes nos lugares mais secos. **2.** Casca retirada do jupati, utilizada na fabricação do matapí.

- A <tala> é feita da arvore de paxiuba, cum ela o talhiando procura o peixe, a enti usa a sonda também pá procura o peixe. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

- (De material é feito o matapi?) Di <tala> di jupati. (Pª., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

No campo **contexto –** de caráter definidor, preferencialmente - registramos, em fonte *Times New Romam 10*, espaço simples, a transcrição grafemática parcial de trechos dos discursos dos informantes em que os termos se realizam. Tal campo visa apresentar o termo, estacado entre < >, no âmbito de seu funcionamento léxico - conceitual e morfossintático. O discurso do pesquisador, indicado por **( )**, é registrado somente quando necessário ao entendimento do termo.

As interrupções no contexto (discurso do informante) são assinaladas por **(...)**. Informações entre colchetes **[ ]**, quando presentes no campo *contexto*, indicam a introdução de palavras ou expressões, de caráter explicativo, se necessárias à compreensão do texto.

Termos polissêmicos apresentam um contexto para cada acepção obedecendo à ordem numérica em que tais acepções aparecem no campo *definição.*

Ao final de *contexto* feita uma indicação das características sociais e profissionais do informante por meio de siglas, que indicam sexo, profissão, idade, escolaridade, local de origem e zona. Assim, temos a seguinte estrutura: **(Pª., 35, Semianalfabeto, I-m, Z. Rural).**

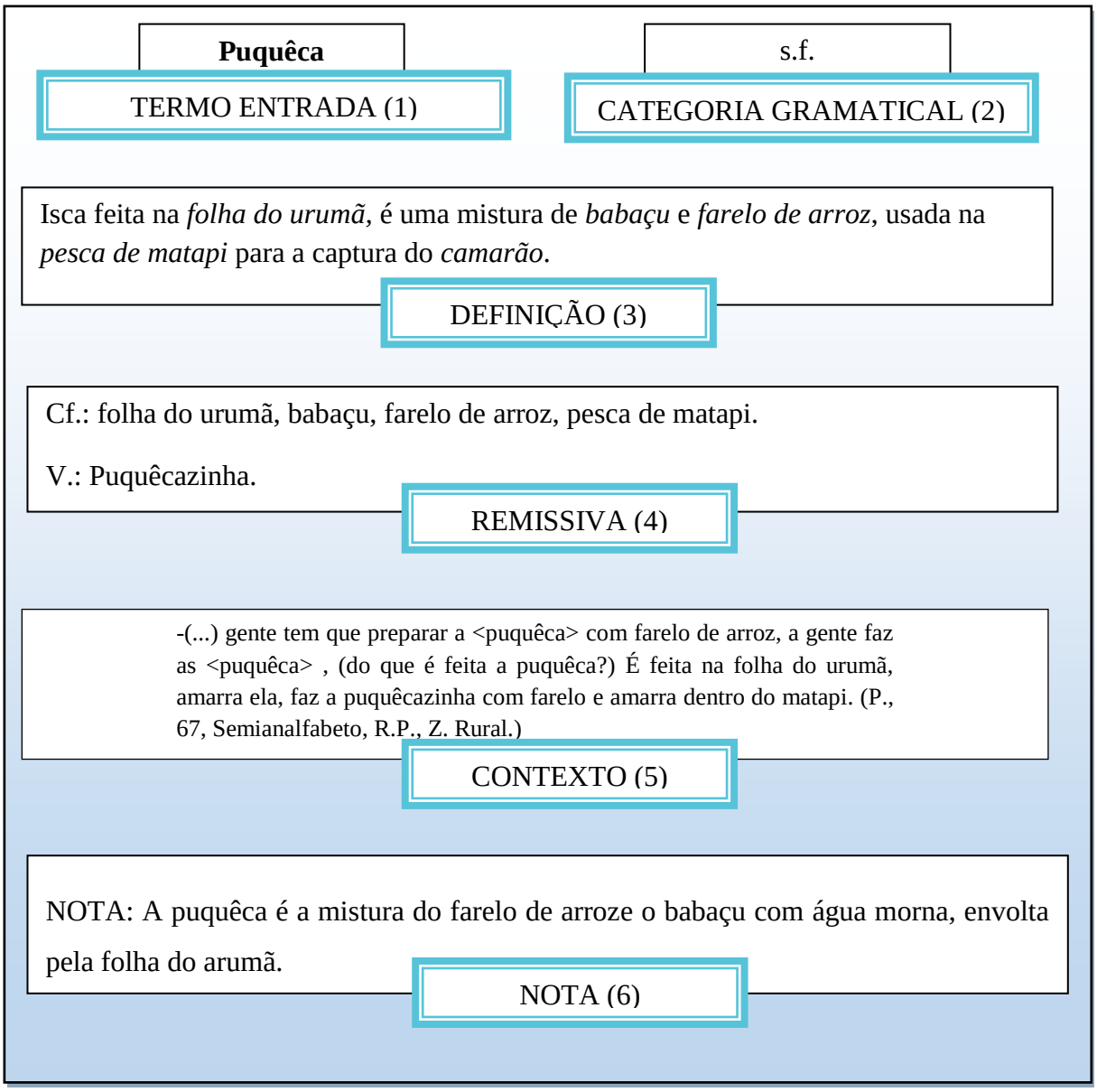
A profissão, origem e zona dos informantes é indicada por meio das abreviaturas disposta na tabela seguinte:

Tabela 05: Estratificação social

ABREVIATURA	**DESIGINAÇÃO**
P.	Refererente aos pescadores artesanais do sexo masculino;
Pª.	Refererente as pescadoras artesanais do sexo feminino;
V.C.	Referente aos pescadores artesanais moradores de Vila do Conde;
R.P.	Referente aos pescadores artesanais moradores do Rio Panacauera;
Z. Rural	Referente aos pescadores artesanais moradores de zona rural;
Z. Urb.	Referente aos pescadores artesanais moradores de zona urbana.

No que se refere ao campo **nota**, quando presente, usamos a *nota explicativa* para fazer referência à informações socioterminológicas sobre o termo e/ou variante(s), bem como para arrolar informações enciclopédicas relevantes para a melhor compreensão do termo. A seguir, um exemplo da apresentação de um termo do glossário proposto:

Figura 03: Microestrutura



CAPÍTULO V – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

5.1 FORMAÇÃO MORFOSSINTÁTICA DOS TERMOS

Os termos da *Terminologia da Pesca Artesanal* utilizados pelos pescadores artesanais dentro da comunidade pesqueira de fala, no que concerne ao processo de formação morfológica dos termos (derivação), demonstram características estruturais que regem os processos de formação de palavras da língua portuguesa. Dentre eles, os processos mais recorrentes na terminologia estudada são: **prefixação**, **sufixação.**

a) Prefixação: acréscimo de um afixo antes do radical (base lexical), formando uma nova palavra. Analisando o *corpus* da terminologia em questão, verificou-se que esse processo não é muito produtivo, e foram identificados apenas 05 tipos de prefixos e 07 termos, a saber: **a-, des-, pre-**, **em-, re-,** formadores de verbos. Desse modo, têm-se: **a**marrar, **des**pescar, **pre**amar, **em**popar, **em**proar, **em**barcar, **re**ponta;

b) Sufixação: acréscimo de um afixo após o radical. Assim como prefixação, este processo também não é recorrente, e foram atestados 03 tipos de sufixos e 04 termos, a saber: **-aria, -eira, -azinha**, formando substantivos. Assim, identificaram-se os seguintes termos: malhad**eira,** pesc**aria**, puquêc**azinha**, sardinh**azinha**.

5.2 ESTRUTURA MORFOLÓGICA DOS SINTAGMAS TERMINOLÓGICOS

Para Barros (2004), as unidades terminológicas constituídas de diversos lexemas (termos) são também ditos termos sintagmáticos, termos-sintagmas ou ainda sintagmas terminológicos. Vários são os termos complexos presentes na Terminologia da Pesca Artesanal, formados de uma estrutura morfossintática em forma sintagmas: a) Nominais: formados por elemento subordinante de valor substantival seguido de um elemento subordinado, com ou sem preposição, de valor adjetival, constituído de dois radicais nominais; b) Verbo-nominais: formados por uma base verbal + uma base nominal, com ou sem preposição, de função substantiva de complemento verbal, conforme demonstram os exemplos abaixo:

a) SUBSTANTIVO + ADJETIVO*: águas mortas, peixe fresco, pesca artesanal, pescada grandona;*

b) ADJETIVO + SUBSTANTIVO*: baixa mar;*

c) SUBSTANTIVO + PREPOSIÇAO + SUBSTANTIVO*:* *aba do remo, bailéu de popa, bailéu de proa, beira do rio, boca do matapi, boca do anzol, braço da âncora, cabeçote do remo, farelo de arroz, ferro de espinhel, folha do urumã, funil do matapi, língua do matapi, porta do matapi, rabicho do anzol, tala de jupati, tinta de muruciseiro, borqueio de puçá, peixe da maré, peixe de gelo, sardinha de gato;*

d) VERBO + SUBSTANTIVO: *bater água;*

e) VERBO + ARTIGO + SUBSTANTIVO: *abrir a rede, abrir o borqueio, amarrar o barco, bater o matapi, cortar a llinha, estrovar o anzol, iscar a linha, iscar o matapi, jogar a âncora, pesar o peixe, pegar a isca, pegar o peixe, puxar o peixe, rimpar a vara, tirar o peixe;*

f) VERBO + PREPOSIÇAO + SUBSTANTIVO: *ficar na ponta, parada da água, pesca de anzor, pesca de arrasto, pesca de arrastão, pesca de caniço, pesca de espinhel, pesca de borqueio, pesca de linhada, pesca de malhadeira, pesca de rede, pesca de matapi, pesca de tarrafa, pesca de puça;*

g) VERBO + ADVERBIO + ADVERBIO: *jogar lá fora;*

g) SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO+ VERBO*: rede de arrastão, rede de puçar;*

h) SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + VERBO + ADJETIVO: *rede de lanço rápido;*

5.3 CLASSIFICAÇÃO DAS VARIANTES TERMINOLÓGICAS:

De acordo com Faulstich (1995) para classificar variantes terminológicas vários fatores precisam ser levados em conta, a saber: contexto social, situacional, espacial e linguístico. Os tipos de variantes terminológicas observadas durante a análise em questão foram:

a) Variante terminológica topoletal: essa variação ocorre quando o conceito e o significado não sofrem qualquer alteração devido à mudança de registros, na terminologia em questão foram atestadas as seguintes variantes topoletais *nalhon ~ nilhon, prastico ~ plastico, rede de*

lanço rápido ~ rede de arrastão, sarantanha ~ saranha, despescar ~ empatar, peixe de mare ~ peixe fresco;

b) Variante lexical: acontece quando o componente lexical ou parte dele dá lugar a outro sem alteração de significado no sintagma terminológico. Na Terminologia da Pesca Artesanal em análise, foram atestadas as seguintes variantes lexicais em questão: *anzol ~ anzor ~ anzó, amarra ~ marra, amarrar ~ marrar, cabo ~ cabo tipiti, garapé ~ igarapé, malhadeira ~ rede, margulhe ~ margulhador, atravessador ~marreteiro, Panacauera ~ Panacuera, pesqueiro ~ poço, rabetinha ~ montaria, taleiro ~ talheiro, tala ~ tala de jupati ~ sonda, preamar ~ vazante, borquear ~ lancerar, linhar ~ pesca de anzor, piaba ~ piramutaba, sarantanha ~ sarapaia ~ arapaia ~ sardinha de gato ~ saranha,, plástico ~prasco, dorada ~ dorado, despescar ~ empatar, pesca de anzor ~ pesca de anzol ~ pesca de anzó, pesca ~ pescaria, nalon ~náilon;*

c) Variante morfossintática: dá-se quando a ideia de um termo se transforma por causa da alternância de elementos gramaticais nos sintagmas terminológicos. Na análise em questão foram comprovadas as seguintes: *rede de arrastão ~ rede de puçá ~ rede de lanço rápido, sardinha de gato ~ sardinhazinha de gato, abrir a rede ~ abrir o borqueio, pegar o peixe ~ puxar o peixe ~ tirar o peixe, pesca de anzor ~ pesca de espinhel ~ pesca de linhada, pesca de borqueio ~ pesca de arrasto ~ pesca de arrastão ~ pesca de puçá, pesca de rede ~ pesca de malhadeira, puquêca ~ puquêcazinha, peixe de mare ~ peixe fresco;*

5.4. Dos fatores sociais condicionantes da variação terminológica: *idade, escolaridade e geográfico.*

Com relação aos fatores sociais *idade, escolaridade* e *geográfico,* arrolados possíveis condicionadores do fenômeno de variação terminológica na Terminologia da Pesca Artesanal, observamos que: a) Os fatores sociais *escolaridade*, *idade* e *geográfico* atuam como condicionadores das variantes topoletais, lexicais e morfossintáticas, como ilustram as tabelas a seguir:

Tabela 06: Variantes terminológicas topoletais

Rio Panacauera - Zona Rural					**Vila do conde - Zona Urbana**				
Informantes					**Informantes**				
19 anos - A.	**32 anos - S.**	**35 anos - S.**	**62 anos - S.**	**67 anos - S.**	**18 anos - A.**	**39 anos - A.**	**52 anos - S.**	**54 anos - S.**	**54 anos - A.**
	Despescar				Empatar				
Peixe de Maré			Peixe de Maré		Peixe Fresco	Peixe Fresco			
Sarantanha	Sarantanha		Sarantanha		Saranha		Saranha		
Nalhon	Nalhon			Nalhon		Náilon		Náilon	
	Plastico						Prastico		

- **Da variação terminológica topoletal:**

Conforme demonstra a tabela acima, o fator geográfico condiciona o uso de variantes topoletais, visto que as variantes *despescar*, *peixe de maré*, *sarantanha*, *nalhon*, e *plastico* são recorrentes no discurso de informantes que residem na Rio Panacauera/Pa (zona rural). Enquanto que as variantes *empatar*, *peixe fresco* e *saranha*, *nilon* e *prsaco* são características do discurso dos informantes que residem na Vila do Conde/Pa (zona urbana), dentro do ofício pesquisado.

Tabela 07: Variantes terminológicas lexicais

Rio Panacauera - Zona Rural					Vila do conde - Zona Urbana				
Informantes					Informantes				
19 anos - A.	32 anos - S.	35 anos - S.	62 anos - S.	67 anos - S.	18 anos - A.	39 anos - A.	52 anos - S.	54 anos - S.	54 anos - A.
	Lancear	Borquear	Borquear						
Pesca	Pesca	Pesca	Pesca	Pesca	Pesca	Pescaria	Pescaria	Pescaria	
		Pesca de anzor	Linhar			Pesca de anzor	Linhar		
					Piaba	Piramutaba	Piramutaba	Piramutaba	
Sarantanha	Sarantanha		Arapaia	Arapaia		Sarapaia	Sardinha de gato	Arapaia	Arapaia
Dorado			Dorado	Dorado	Dorada	Dorada	Dorada	Dorada	Dorada
Despescar		Despescar			Empatar			Empatar	
		Amarrar	Marrar	Amarrar			Amarrar		
	Amarra	Marra	Amarra	Marra					
Panacauera	Panacauera	Panacauera	Panacuera	Panacuera					
Anzol	Anzol	Anzó	Anzó			Anzó	Anzol	Anzol	
Atravessa-dor		Atravessa-dor	Marreteiro			Atravessa-dor		Marreteiro	Atravessa-dor
Cabo		Cabo		Cabo		Cabo			Cabo tipiti
Igarapé	Igarapé	Igarapé	Garapé		Garapé	Igarapé		Igarapé	
Malhadei-ra	Rede	Rede		Rede	Rede		Malhadei-ra	Malhadei-ra	
Mergulha-dor		Margulhe	Mergulha-dor						
Nalhon		Nalhon				Náilon		Náilon	
Poço		Poço			Pesquei-ro			Pesqueiro	Pesqueiro
Plástico		Plástico		Plástico		Prástico		Prástico	

Rabetinha	Montaria		Montaria		Montaria		Montaria	Rabetinha	Rabetinha
Tala		Tala	Tala de jupatí	Tala		Sonda		Sonda	
Taleiro		Talheiro		Taleiro	Taleiro	Taleiro	Taleiro	Talheiro	Talheiro

- **Da variação terminológica lexical:**

- Fator social *idade:* Conforme mostra a tabela acima podemos constatar que as variantes *lancear, piaba, sarantanha, pesca de anzor,* ocorrem na fala de informantes mais jovens, com idade entre 18 a 25 anos/26 a 45 anos de idade. E que suas respectivas variantes *borquear, piramutaba, arapaia, linhar* aparecem no discurso dos informantes mais velhos, com + de 46 anos de idade. Sendo que a variante *mofo* ocorre na fala de todos os informantes da pesquisa.

- Fator social *escolaridade:* Na tabela acima podemos observar que o fator social *escolaridade,* não influencia nas variantes lexicais, sendo que os termos variantes *pesca de anzor ~ linhar, piaba ~ piramutaba, sarantanha ~ arapaia, despescar ~ empatar, garape ~igarape dos quais linhar, piaba, sarantanha e empatar* são encontrados no discurso dos informantes mais novos com idade de 18 a 30, já os termos *pesca de anzor, piramutaba, arapaia, despescar, garapé* são recorrentes no discurso dos informantes com idade de 31 a 45 e +46, dentro da analise feita.

- Fator social *geográfico:* Conforme pudemos observar na tabela acima, as variantes *tala ~sonda, nalhon ~ nilon, prastico ~ plastico* são condicionadas pelo fator social *geográfico,* sendo a forma *tala, nalhon, plástico* facilmente notada no discurso dos Pescadores Artesanais que que residem na Rio Panacauera/Pa (zona rural). Enquanto que a forma *sonda, nilon, prastico* é identificada no discurso dos informantes que residem na Vila do Conde/Pa (zona urbana), dentro do *corpos* analisado.

Tabela 08: Variantes terminológicas morfossintáticas

Rio Panacauera - Zona Rural					**Vila do conde - Zona Urbana**				
Informantes					**Informantes**				
19 anos - A.	**32 anos - S.**	**35 anos - S.**	**62 anos - S.**	**67 anos - S.**	**18 anos - A.**	**39 anos - A.**	**52 anos - S.**	**54 anos - S.**	**54 anos - A.**

	Rede de Lanço Rápido		Rede de Arrastão	Rede de Puça					Rede de Arrastão
Pegar o Peixe			Tirar o Peixe				Puxar o Peixe		
Pesca de Anzor	Pesca de Anzor		Pesca de Anzor	Pesca de Anzor	Pesca de Espinhel	Pesca de Linhada	Pesca de Espinhel	Pesca de Anzol	Pesca de Espinhel
	Pesca de Puça		Pesca de Borqueio	Pesca de Arrastão			Pesca de Borqueio		Pesca de Arrasto
Pesca de Rede	Pesca de Rede		Pesca de Malhadeira	Pesca de Malhadeira	Pesca de Rede	Pesca de Rede	Pesca de Rede	Pesca de Malhadeira	Pesca de Rede
	Abrir o Borqueiro		Abrir o Borqueio	Abrir o Borqueio	Abrir a Rede	Abrir a Rede	Abrir a Rede	Abrir a Rede	Abrir a Rede
	Puquêca		Puquêca-Zinha						
Peixe Fresco						Peixe de Maré			

- **Da variação terminológica morfossintática:**

- Fator social *escolaridade*: Analisando os dados acima, observamos que há a ocorrência de um único termo que varia condicionado pelo fator social *escolaridade,* a saber, *pesca de rede ~pesca de malhadeira,* onde a variante *pesca de rede* é mais recorrente no discurso dos informantes alfabetizados, já a variante *pesca de malhadeira* é mais frequente no discurso dos informantes semianalfabetos.

- Fator social *idade:* A tabela acima evidencia que, o fator social *escolaridade* atua no condicionamento das variantes morfossintáticas *rede de arrasto ~ rede de lanço rápido, pesca de malhadeira ~pesca de rede* onde as variantes *rede de lanço rápido, pesca de malhadeira* são recorrentes no discurso dos informantes com mais idades sintagmas recorrentes nos discursos de todos os informantes arrolados na pesquisa.

- Fator social *geográfico:* Conforme pudemos observar na tabela acima, as variantes *abrir a rede ~abrir o borqueio* e *peixe fresco ~peixe de maré* são condicionadas pelo fator social *geográfico,* sendo as formas *abrir o boqueio e peixe fresco* facilmente notada no discurso dos Pescadores Artesanais que que residem na Rio Panacauera/Pa (zona rural). Enquanto que a forma *abrir a rede e peixe de maré* são identificadas no discurso dos informantes que residem na Vila do Conde/Pa (zona urbana), dentro do *corpos* analisado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui exposto teve suas bases fundamentadas nos princípios teóricos da Socioterminologia, com o objetivo linguístico descritivo de apresentar o vocabulário especializado da pesca artesanal nas regiões de Vila do conde e Rio Panacauera ambas localizadas no estado do Pará. Buscando observar e comparar os aspectos do léxico especializado de cada região. A terminologia em análise constatou um número de variantes terminológicas lexicais, morfossintáticas e topoletais bastante significativos, que certamente padroniza e codifica a atividade da pesca artesanal. Todas as variantes terminológicas por nós apresentadas são utilizadas em uma mesma situação terminológica interacional, no discurso dos profissionais da pesca artesanal onde todos esses profissionais possuem o título de pescador artesanal dentro do mesmo contexto profissional, e que estas variações são condicionadas pelas variáveis sociais escolaridade, idade e região.

O referente trabalho não tem a capacidade de abranger todos os aspetos terminológicos da atividade da pesca artesanal, principalmente por este depender de uma língua viva e que está em constante mudança, sendo assim, muito há de ser feito e pesquisado ainda na atividade da pesca artesanal, seja nas regiões por nós pesquisadas ou em outras ainda pouco exploradas. Nosso trabalho pretendeu contribuir de forma significativa na descrição e exposição de um determinado léxico especializado e esperamos que nosso objetivo tenha sido alcançado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, M. S. S. de (Org.). **Estudos em Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia.** Fortaleza. UFC/MÍDIA, 2009.

BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2004.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. São Paulo, Ed. Ática, 1991.

BATISTA, Jaqueline de Andrade. **Terminologia Da Pesca em Itupanema**: uma perspectiva sociotermilógica. Trabalho de conclusão de Curso, Licenciatura em Letras: Habilitaçao Lingua Portuguesa. UFPA. Abaetetuba, 2005.

BIBLÍA. Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Traduzida por ALMEIDA, João Ferreira de. Revista e Corrigida no Brasil. Ed.1995 São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As ciências do léxico**. In.: As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

BRASIL, **Procuradoria geral da república – secretaria de apoio pericial**. Laudo Técnico N^0 001/2016, 2016. 34p.

CABRÉ, M. Teresa. **La terminologia**: Representación y Comunicación. Barcelona:IULA/UPF, 1999.

FAUSLTICH, E. L. de J. **Socioterminologia**: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. In: Ciência da Informação/Terminologia: a disciplina da nova era. Brasilia, v. 24, n 3, 1995.

KRIEGER, M. G; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia:** teoria e prática. São Paulo: Ed. Contexto, 2004.

LIMA, Alcides Fernandes de. **Socioterminologia da indústria madeireira**. Tese de Doutorado. UFC. Fortaleza, 2010.

NASCIMENTO, Leila Lima do. **Terminologia da Pesca Artesanal.** Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Letras: Habilitaçao Lingua Portuguesa. UFPA. Abaetetuba, 2011.

PINHEIRO, Jhons Farias. **A terminologia da pesca do Rio Tucumanduba**. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Letras: Habilitaçao Lingua Portuguesa. UFPA. Abaetetuba, 2009.

RONDEAU, G. **Introdução à la terminologie.** Québec, Gaetan Mori,, 1984.

ANEXOS

Abreviaturas E Sinais Utilizados No Glossário Terminológico

Referências Gramaticais Para o Glossário Terminológico:

CATEGORIA GRAMATICAL	
ABREVIATURA	**FUNÇÃO**
s.m.:	Remete aos nomes (substantivos) ou expressões nominais no masculino;
s.f.:	Remete aos nomes (substantivos) ou expressões nominais no feminino;
v.t.:	Remete aos verbos ou locuções verbais transitivas;
v.int.:	Remete aos verbos ou locuções verbais intransitivas;
S.T.:	Remete aos sintagmas terminológicos (unidades terminológicas complexas, formados por mais de uma lexia).

Sistema de Remissivas:

SISTEMAS DE REMISSIVAS	
REMISSIVA	**FUNÇÃO**
V. :	Remete às **variantes** terminológicas lexicais, morfossintáticas e topoletais do termo - entrada;
Ver:	Remete ao **termo** com o maior grau de frequência e atualização no discurso (narrativas orais) dos informantes;
Cf.:	Remete aos termos em relação de hiperonímia/hiponímia.

Referências a estratificação social dos informantes

REFERÊNCIAS SOCIAIS DOS INFORMANTES	
ABREVIATURA	**INFORMANTES**
(P., 67, Semianalfabeto, R.P, Z. Rural.).	Homem, Pescador, 67 anos de idade, 3ª série do ensino fundamental (semianalfabeto), Rio Panacauera, zona rural;
(P., 62, Analfabeto, R.P, Z. Rural.).	Pescador, 62 anos de idade, 1ª série do ensino fundamental (semianalfabeto), Rio Panacauera, zona rural;
(P., 32, Semianalfabeto, R.P, Z. Rural.).	Pescador, 32 anos de idade, 4ª série do ensino fundamental(semianalfabeto), Rio Panacauera, zona rural;
(Pª., 35, Semianalfabeto., R.P, Z. Rural.).	Pescadora, 35 anos de idade, 2ª série do ensino fundamental (semianalfabeto), Rio Panacauera, zona rural;
(P., 19, Alfabetizado, R.P, Z. Rural.).	Pescador, 19 anos de idade, 3º ano do ensino médio(alfabetizado), Rio Panacauera, zona rural;
(P., 54, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).	Pescador, 54 anos de idade, 5ª série do ensino fundamental (alfabetizado), Vila do Conde, zona urbana;
(Pª., 52, Semianalfabeta, V.C., Z. Urb.).	Pescadora, 54 anos de idade, 2ª série do ensino fundamental (semianalfabeta), Vila do Conde, zona urbana;
(P., 54, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).	Pescador, 42 anos de idade, 3ª série do ensino fundamental (semianalfabeto), Vila do Conde, zona urbana;
(P., 39, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).	Pescador, 39 anos de idade, 5ª série do ensino fundamental (alfabetizado), Vila do Conde, zona urbana;
(P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).	Pescador, 18 anos de idade, 8ª série do ensino fundamental (alfabetizado), Vila do Conde, zona urbana.

Sinais gráficos usados na transcrição grafemática dos termos

SINAIS GRAFEMÁTICOS	
ABREVIATURA	**FUNÇÃO**
(...)	Indica a **supressão de trechos** do discurso do informante;
( )	Indica a **fala do pesquisador**;
< >	Indica **o termo** em análise;
[ ]	Indica a **inserção de elementos lexicais** no discurso do informante;
...	Indica **pausa** no discurso do informante.

Das Comunidades De Fala Dos Distritos: Vila Do Conde E Rio Panacauera[10].

Do Histórico Da Pesca Artesanal No Distrito De Igarapé-Miri, O Rio Panacauera:

Figura 1Foto de Janiele e Marco Ribeiro

O Rio Panacauera desde seu início oficial, teve sua história intimamente ligada com a pesca artesanal. Por volta dos anos 1839, muito antes da chegada dos barcos à motor. No início a pesca no Rio Panacauera era realizada através de embarcações movidas a velas. As embarcações da época eram de pequeno porte e comportavam no máximo três pescadores, que normalmente eram parentes próximos. O oficio no Rio Panacauera no ano de 1839 era basicamente familiar e de subsistência, isso se dava pelo fato de que o comércio da época era pouco desenvolvido e também pelo fato de que as embarcações da época não permitiam grandes viagens para os moradores locais realizarem a comercialização de seus pescados, essa comercialização restringia-se a comunidades vizinhas e a sede do município Igarapé-Miri. Atualmente o Rio Panacauera enfrenta uma realidade diferente da que era vista em seu início histórico, ainda assim, a pesca na região é consideravelmente familiar e de subsistência, tendo em vista que a comercialização do pescado restringe-se a comunidade local, e a escassez do pescado tem diminuído consideravelmente o montante de peixes capturados artesanalmente na região. Nos perguntamos, o comercio da região não se desenvolveu em pleno século 21? A

[10] Todas as informações contidas nessa seção correspondem a relatos orais dos informantes do universo da pesquisa, e de informações contidas na página oficial da prefeitura dos dois municípios.

resposta é sim, porém, outros fatores preocupantes atrapalham o comércio de pescado hoje, não apenas no Rio Panacauera, como também em toda a região do Baixo Tocantins, dentre os principais fatores preocupantes estão: a pesca desordenada que ocorre na região e as mudanças climáticas que influenciam notavelmente na reprodução das espécies. A comercialização do pescado no Rio Panacauera atualmente baseia-se sem excedentes, ou seja, apenas os pescados que não serão consumidos pelos pescadores serão vendidos seja ele da localidade ou não. Mesmo os barcos atuais permitirem viagens mais longas, a pouca quantidade de pescado da localidade enfraquece a comercialização do mesmo. Os pescadores do Rio Panacauera atualmente abandonaram os barcos movidos à vela que antigamente eram os dominantes dentro do universo da pesca na região, com o desenvolvimento do barco à motor o uso do barco à vela caiu em desuso, e os meios de locomoção hoje na região são à remo ou à motor, em sua maioria.

Do Histórico Da Pesca Artezanal No Município De Barcarena-Vila Do Conde:

Figura 2 Fonte: Repositório Digital Hidro[11]

Vila do Conde oficialmente surgiu em 1654, mas antes de sua oficialização já fazia parte das terras do povo indígena Aruan. A pesca na região de vila do conde era praticada pelos

[11] Diponível em: http://www.zedudu.com.br/wp-content/uploads/2015/12/Terminal-de-Vila-do-Conde-Barcarena.jpg

indígenas e ela consistia em uma pesca de subsistência. Algum tempo depois iniciou-se a colonização com a chegada dos padres jesuítas e a mistura de etnias foi se moldando até os dias de hoje. A colonização de Vila do Conde não teve grande impacto no modelo de pesca que ocorria na época na região, porém, com a chegada de mais imigrantes começou-se a se desenvolver o comércio na localidade; assim sendo, a pesca em Vila do Conde deixou de ser apenas de subsistência e passou a apresentar a comercialização do pescado que eram retirados dos rio e igarapés das regiões pelos pescadores. Com o aumento de residentes em Vila do Conde, foram surgindo os primeiros barcos à vela que facilitavam a locomoção dos pescadores e aumentava a quantidade de peixe capturada por eles. A pesca em Vila do Conde era farta, muitos dos igarapés e rios da localidade possuíam uma grande quantidade de pescado, porém em 1970 com a chegada do complexo industrial Albras[12]/Alunorte[13], essa época de fartura começaria a mudar. A poluição dos rios feita pelas empresas que ali se instalaram diminuiu consideravelmente a quantidade de peixes da área e ao passar dos anos até os dias atuais a pesca em vila do conde teve seu comércio bastante reduzido. Hoje a pesca em Vila do Conde voltou à ser basicamente de subsidência com pouco pescado sendo comercializado na região, mesmo com os motores das embarcações e toda a facilidade que eles proporcionam não se pode retirar muito dos rios, pois além da pouca quantidade de peixe há uma necessidade que alguns moradores da região percebem, de recuperação na reprodução das espécies locais. Cientificamente não se pode esperar grandes resultados em relação a qualidade da pesca em Viloa do Conde, pois a poluição ainda continua e sendo a vilã para a perpetuação das espécies de peixes na região, e para os poucos pescadores que ainda dependem da pesca na comunidade chamada de Vila do Conde.

[12] Alumínio Brasileiro S. A. (Empesa que transforma alumina em alumínio.).
[13] Alumínio do Norte S. A (Empresa que processa a bauxita para a produção de alumina.).

GLÓSSARIO TERMINOLÓGICO DA PESCA ARTESANAL DO BAIXO TOCANTINS.

Captura e Beneficiamento do Pescado: Processos, Etapas e Ações Diversas.

A

Abrir a rede. S.T. v.t.: Ação de lançar a *rede de borqueio* na água para depois fechar o *borqueio*, na *pesca de borqueio.*

Cf.: pesca de borqueio.

V.: abrir o borqueio.

> -(...)é pá <abri a rede> enti meti dois cabo um em cima outro em baixo pá <abri a rede>. (P., 42, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

NOTA: Na pesca de boqueio os pescadores usam dois cascos para abrir e fechar a rede com o auxílio de dois cabos de material plástico, dentro da água.

Abrir o borqueio. S.T.v.t.: Ver. Abrir a rede.

> - O talhador vai na frente procurando onde ta o peixe com a tala, ele achando manda <abrir o berqueio> e ai borqueia ... é fecha o borqueio. (P., 32, Semianalfabeto, R. P., z. Rural.).

Afundiar. v.t.: Ação de afundar a *amarra* na agua, na *pesca de anzol e pesca de espinhel.*

Cf.: pesca de anzol, pesca de espinhel.

> -(...) o ferro é pra <afundiar> a linha (o que é fundiar a linha?) – é joga a linha pra ficar na baia ai fica <afundiadu> tudinhu, ai fica la tudinhu os ferru <afundiado>. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

NOTA: Afundiar é quando o pescador joga a amarra na baia ou rio, e a amarra vai para o fundo e só submerge quando a maré para de encher ou vazar.

Ancorar. v.t.: Ação de estacionar o barco com a ancora, na *pesca de anzol*.

Cf.: pesca de anzol.

> - (O que é afundiar?) é <ancorar> o barco que enti tá, por exemplo aquele barco lá, ai pega o ferro e joga ai ta ancorado ele não tá andando pá cantu nenhum e fica <ancorado>. (Pª. 52, Semianalfabeta, V.C., Z. Urb.).

Amarrar. v.t.: Ação que consiste em ligar um objeto a outro, nas pescas de *anzol*, de *borqueio* e de *rede*.

Cf. : pesca de anzol, pesca de borqueio, pesca de rede.

V. : Marra

> -(...) atorei aqui ai eu vou <amarrar> esse pedaço aqui que eu atorei vou <marrar> o anzor aqui eu vou botar o anzol e vou <amarrar> ... aperto ela bacana ai de lá <amarro> a linha aqui já fica pendurado o anzor. (Pª., 52, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

> -(...) <amarra> a linha bem aqui, a linha do anzol, enti <marra> aquela linha aqui. (P., 62, Semianlafabeto, R.P., Z. Rural.).

> -(...) eu trabalhava di <amarra> corda <amarrava> quando tava tudo <amarrado> puxa, puxa o borqueio. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

NOTA 1: Ligar o ferro a boia na pesca de anzol, presente no discurso dos informantes da duas localidades;

NOTA 2: Ligar uma ponta/perna de linha de náilon no processo de construção do estruvo, presente no discurso dos informantes das duas localidades;

NOTA 3: Atrelar uma corda a malhadeira no fundo do rio ou baia na pesca de borqueio, tecnica usada pelos pescadores mais antigos do Rio Panacauera.

Amarrar o barco. v.t.: Ação que consiste em *amarrar* a corda do barco em um porto seguro.

Cf.: amarrar.

> -(...) argola é um ferro dobrado ai você bota as vez na prua ou na pupa pra <amarrar o barco> passa o cabu pra <amarra o barco> eu uso isso. (Pª., 52, Semianalfabeta, V.C., Z. Urb.).

Apodrecer. v.t.: Ação de estragar a linha usada na *pesca de anzol/espinhel*

Cf. : Pesca de anzol, pesca de espinhel.

> -(...) a linha tem que ta tingindo ela pra não estragar porque se ela ficar branca ela <apodrece> rápido ... enti tingi a linha. (P. 39, Alfabetizado, V.C. Z. Urb.).

> -(...) se houver mais de um contexto com o <termo entrada>. (estratificação social do informante).

NOTA: Os pescadores artesanais usam a tinta do muricizeiro para tingir a linha usada no anzol/espinel para esta ter maior durabilidade, não *apodrecer*.

Arrastar. v.t.: Ação que consiste em deixar a *rede de pesca* ser levada pela correnteza e tocar o fundo do rio ou baia, na *pesca de rede* e de *malhadeira*.

Cf.: Pesca de malhadeira, pesca de rede.

> -(...) se a agua tiver mais clara mais pro fundo ta o peixe ai eu vou diminuir a corda pra 4 braça 5 braça 6 braça até 9 braça a ente pesca que ela ta <arrastando> lá no fundo (Pª., 52, 2ª fund., V.C., Z. Urb.).
>
> -(...) porque a malhadeira ela joga aqui ela vai <arrastando> e a de borqueio não, você joga aqui fica, você borqueou aqui, aqui fica até você tirar todo o peixe. (P., 62, Analfabeto, R.P., Z. Rural).

NOTA: Ação que é condicionada pelo tom da água dos rios e baias, presente nos discursos dos informantes de Vila do Conde.

Atorar. v.t.: Ação de cortar qualquer coisa comprida (corda, fio de nylon, etc.)

> -(...) ai eu <atoro> aqui ai e vou amarrar esse pedaço aqui que eu <atorei> vou marrar o anzor.(Pª., 52, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

B

Bater água. S.T. v.t.: Ação por meio da qual o pescador da pancadas na água com uma *vara* de dentro de um casco ou pula e bate com a mão, com o objetivo de empurrar os peixes na direção da rede, na *pesca de borqueio*.

Cf.: Pesca de borqueio.

> -(...) abre os cascos ai <bate água> esse peixe si engaria dentro do puçar (P., 67, 3ª fund., R.P., Z. Rural.).
>
> -(...) é quando não bati com a vara, enti pula na agua e fica <batendo água> até o peixe ir pra rede (...) aí pula 5, 6 homem na frente do borqueio e fica <batendo água> a. (P., 67, 3ª fund., R.P., Z. Rural.).

NOTA: Durante a pesca de borqueio para o peixe entrar na rede 4 ou 6 pescadores pulam na agua para empurrar os peixes em direção a rede. (prática dos pescadores mais antigos). Ou de dentro do casco eles batem como uma vara com mesmo intuito (prática usada pelos pescadores atuais).

Bater o matapi. S.T. v.t.: Ação por meio da qual os pescadores retiram o camarão capturado de dentro do *matapi*, na *pesca de matapi.*

Cf.: pesca de matapi.

> -(...) eu vou um vez <bater o matapi> porque enti põe agora e só tira noutro dia o camarão. (Pª., 35, Semianalfabeta, R.P., Z. Rural.).

Borquear. v.t.: Ação que consiste em abrir e fechar a rede, com o objetivo de capturar o pescado.

Cf.: pessca de borqueio.

V. Lancear

> -(...) <borquia> ai tipo o peixe entra pra dentro da rede e fecha (o que é borquia?) é cerca o peixe com a rede e fecha ela. (P., 32, Semianalfabeto, R.P. Z. Rural).

Buiar. v.int.: Emergir do fundo do rio, na *pesca de anzol e de espinhel.*

Cf.:Pesca de anzol.

> -(...) sustentar a linha pra <buia> pra gente pegar pra puxar (...)só <buia> na parada da agua (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

C

Cortar a linha. S.T. v.t.: Ação de separa em pedaços a linha usada para *estrovar* o *anzol.*

Cf.: Estrovar, anzol.

> -(...) tem que estrovar o anzor a ente corta alinha vamo supor desse tamanho cortei aqui cortei aqui ai eu vou amarrar esse pedaço aqui q eu cortei vou marrar o anzor. (Pª., 52, Semianalfabeta, V.C., Z. Urb.).

D

Despescar. v.t.: Recolher os pescados capturados pelos instrumentos, utilizados na *pesca artesanal.*

Cf..: Pesca artesanal.

V.: empatar.

> -(...) Eu <despesco> no baldi ele ou num paneiru (...)deixa lá e só busca di manhã é <despesca> que fala ai vai bater o matapi (Pª., 35, Semianalfabeta, R.P. Z. Rural).

E

Empatar. v.t.: Ver: Despescar.

> - Despescar o ispinhel eu chamo de puxar a linha ou <empatar>. (P., 18, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

Empopar. v.t.: Ação pela qual a parte traseira da embarcação praticamente toda submersa pelo excesso de peso na *popa* da embarcação.

Cf.: popa.

> - (...) <empopado> é quando o barco tá muito cheio atrás, ele tá <empupado> quando ta com muito peso na pupa. (Pª., 52, Semianalfabeta, V.C., Z. Urb.).

Emproar. v.t.: Ação pela qual a parte da frente da embarcação praticamente toda submersa pelo excesso de peso na *proa* da embarcação.

Cf.: proa.

> - (...) quando tem muito peso na fente tá <empruadu> é quando tem uito peso na prua ele ta <empruadu). (Pª., 52, Semianalfabeta, V.C., Z. Urb.).

Estrovar o anzol. S.T v.t.: Ação que consiste em tecer duas pontas de linha desfiadas, para formar o *estruvo.*

Cf.: estruvo.

> -(...) Eu tenho la em casa rede di espinhel um <anzol estrovado> tudinho a ente estrova pra ocê vê como é (O que é um anzol estrovado) - É tem que <estrovar o anzor> a ente corta alinha vamo supor desse tamanho cortei aqui cortei aqui ai eu vou amarrar esse pedaço aqui que eu cortei vou marrar o anzor aqui eu vou botar o anzol e vou amarrar ... aperto ela bacana ai de lá amarro a linha aqui já fica pendurado o anzor. (Pª., 54, Semianalfabeta, V.C., Z. Urb.).

> -(...) <estruvar o anzol>, você tem que corta o pedaço da linha ai vira em duas perna ai você disfia aquele pedaço di linha vira em cima do anzo pra <estruvar o anzo> ai ele fica estruvado.(P., 62, Analfabeto, R.P., Z. Rural.).

Embarcar. v.t.: Ação de recolher o *pescado* para dentro da embarcação, depois de *despescar* o pescado, na pesca de rede e anzol

Cf.: despescar.

> -(...) si vier o peixe enti <embarca>, é <embarca> o peixe pra trazer. (P., 62, Analfabeto, R.P., Z. Rural.).

Encher. v.t.: Ação natural do movimento das águas, condicionado pelas fazes da lua, das *marés* quando estais elevam seu volume de água (nível) atingindo o ponto máximo ás margens dos rios, igarapés, e baias da região do baixo Tocantins.

> -(...) se a mare <encher> eu puxo o espinhel ou a rede e venho mimbora pra casa. (Pª., 52, Semianalfabeta, V.C., Z. Urb.,).

> -(...) Quando a agua... olha agora ela ta <enchendo> né, ta crescendo ne, ela vai ate ficar pre-amar como enti chama né, ai quando ela termina de <incher> ela volta vai vazar, ai é nessa parada que a boia buia. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

Entralhar. v.t.: Tecer as malhas das redes, malhadeiras, ou tarrafas usadas para a captura do pescado.

Cf.: Malhas, rede, malhadeira, tarrafa.

> -(...) isso aqui é a gulha pra <entralhar> rede, cunserta rede (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

> - Com essa agulha eu teço tarrafa, entralho rede, malhadeira...é. (Pª., 52, Semianalfabeta, V.C. Z. Urb.).

F

Fisgar. v.t.: Capturar o pescado com o *anzol*, na pesca de anzol e espinel.

Cf.: anzol

> -(...) vir <fisgadu>, o peixe vem <fisgadu> no anzor. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

> -(...) é pra prender o peixe, ele vai come ela, <infisga> ai não tem como sai porque ele tem a barbela pra prender. (Pª., 52, Semianalfabeta, V.C., Z. Urb.).

Ficar na ponta. S.T. v.t.: Ação de esperar a maré vazar para retirar o *anzol/espinel* da água.

Cf. : Pesca de anzol.

> -(...) deixa aqui uma ancora aqui <fica na ponta> e sai jogando no mar ai todinha ai enti joga e <fica na ponta> uma hora duas hora lá num restinho de maré a agua começou a para a enti puxa di volta (P., 39, 5ª fund., V.C., Z. Urb.).

I

Iscar. v.t.: **1.** Ação que consiste em pôr a *isca* no *anzol*, na *pesca de anzol/espinhel*.

Cf. : Isca, pesca de anzol.

> -(...) A pesca de linhada é assim a enti pega sarapaia <isca> nu espinhel que a enti chama espinhel <isca> todos a linha toda 500 a 700 anzor e joga. (P., 39, Alfabetizado., V.C., Z. Urb.).

> -(...) porque no causo enti tem que <isca> tudinhu os anzol que tem no casco enti tem que corta tudu a isca, <isca> tudinhu . (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

Iscar a linha. S.T. v.t.: Ver.: Iscar

> -(...) o cara <isca a linha> tudinhu e vai joga la fora. (P., 42, 4ª fund., R.P., Z. Rural).

Iscar o matapi. v.t.: Ação que consiste em pôr a *puquêca* dentro do *matapi*, na *pesca de matapi*.

Cf. : puquêca, matapi, pesca de matapi.

> -(...) Ai eu vou <isca o matapi> como eu fez agora né amarrar ai eu vou embarca pra colocar... eles [o matapi] vão tudo <iscado> já ai eu vou so colocar. (Pª., 35, Semianalfabeta, R.P. Z. Rural).

J

Jogar. v.t.: Ação de dispersar a *linha iscada* na baia, na *pesca de anzol/espinhel*.

Cf. : pesca de anzol.

> -(...) isca todos a linha toda 500 a 700 anzor e <joga>... deixa aqui uma ancora aqui na ponta e sai <jogando> no mar ai todinha ai enti <joga> e fica na ponta uma hora duas hora lá num restinho de maré a agua começou a para a enti puxa di volta. (P., 39, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

NOTA: Movimento de lançar na agua os equipamentos de pesca, feito em todas as pescas que foram pesquisadas neste trabalho.

Jogar a âncora. S.T. v.t.: Ação por meio da qual o pescador lança a ancora da embarcação para ficar *ancorado,* na *pesca de anzol*.

Cf. : ancorar, pesca de anzol.

> - Ancorado é quando a enti <joga âncora> ai fica lá fora ancorado, esperando pra puxara linha. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Jogar lá fora. S.T. v.t.: Ação de ir *jogar* o *espinel* na pesca de anzol, na baia ou rio.

Cf.: jogar, espeinhel, pesca de anzol.

> -(...) o cara isca a linha tudinhu e vai <joga la fora>. (P., 42, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Jogar na baia. S.T. v.t.: Ação de ir *jogar* o *espinel* na pesca de anzol, na baia.

> -(...) Meter a isca no anzol pra <jogar na baia>.(P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

L

Lancear. v.t.: Ver.: Borquear

> -(...) é porque esse puçar é o seguinte o cara <lancia> pra pegar o peixe, é tipo o cara borquia né ai o peixe entra pra dentro da rede e fecha. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Linhar. v.t.: Ver: Pesca de Anzol.

> -A pesca de linhada é assim a enti pega sarapaia isca nu espinhel que a enti chama espinhel isca todos a <linha> toda 500 a 700 anzor e choga... (P., 39, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Linhada. s.f: Ver: Pesca de anzor.

> -(...) a nossa pesca é rápida .... da <linhada> lá alinhou acabou de linhã já vem embora pra entregar o peixe. (P., 39, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

M

Malhar. v.t.: Capturar o pescado com a *rede/malhadeira,* na *pesca de rede*, *de malhadeira, de arrasto, e de boqueio*.

Cf.: pesca de rede, pesca de malhadeira, pesca de arrasto, pesca de borqueio.

> -(...) A gente sai daqui acorda prepara a rede ai a gente vai pro rio <malha> ai depois quando pega a isca a gente corta a sarantanha qui é a sardinha isca no anzol pra dipos jogar. (P., 19, Alfabetizado, R.P., Z. Rural.).

Marrar. v.t.: Ver.: Amarra

> - Enti <Pmarra> tudinhu os anzor na linha e vai jogar. (P., 62, Semianalfabeto, R.P. Z. Rural.).

Marreteiro. s.m.: Pessoa cuja função é comprar o peixe do pescador para revender na comunidade.

> -(...) O <marreteiro> vem no porto ai a enti vende né. (Pª., 35, Semianalfabeta, R.P. Z. Rural).

> -É o cara que compra o peixe nosso aqui na bera, pra revender por um preço mais caro. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Mergulhar. v.t.: Descer ao fundo do rio/baia para escuta/localiza o ruído dos cardumes, na *pesca de borqueio e de arrasto*.

Cf.: Pesca de borqueio, pesca de arrasto.

> -(...)o talhado vai <mergulhando> vai escutando, escutando até localizar o cardume pra poder os outros dá o borqueio. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

N

Nó. s.m.: Laço apertado que liga uma *linha* na outra no processo de *tecer* a *rede*.

> - Eu pego aqui e dou um <nó> aqui e fica a malha. (Pª., 52, Semianalfabeta, V.C., Z. Urb.).

P

Parada d'agua. S.T. s.f.: Ação pela qual a *maré* chega ao seu nível máximo fica por alguns minutos parada para depois voltar a *encher* ou a *vazar*.

Cf.: maré, encher, vazar.

> -(...) Tem tudas tem boia, uma boia que vai embora pro fundo... só buia na <parada da agua>. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

Pesar o peixe. S.T. v.t.: Ação de pesar o peixe para vender para o *marreteiro.*

Cf.: marreteiro.

> -(...)tudo por quilo vai botando nas basqueta e <pesa o peixe> e vê a quantidade que deu, pá vender pro marreteiro. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Pesca. s.f.: Captura artesanal de peixes crustáceos com *malhadeira, rede*, *anzol* ou *matapi*..

Cf.: malhadeira, rede, anzol, matapi.

> - A nossa <pesca> aqui é com rede, malhadeira ou anzor (O que vocês pescam?) – enti <pesca> tudo quanto é tipo de peixe. (P., 19, Alfabetizado, R.P., Z. Rural.).

Pescaria. s.f.: Ver: Pesca.

> - A minha <pescaria> aqui é de anzor, tem outras <pescaria> aqui, tem enti que pesca de rede de malhadeira, a minha filha pesca camarão com o matapi. (P., 62, Semianalfabeto, R. P., Z. Rural.).

Pegar a isca. S.T. v.t.: Ação pela qual os pescadores capturam a *isca* para *iscar* o *espinhel*, na *pesca de espinel.*

Cf.: isca, iscar, pesca de espinhel.

> - Primeiro a gente vai pegara isca pra isca o espinhel, pra depois ir jogar la fora. (P., 19, Alfabetizado, R.P., Z. Rural.).

> - (...) nós pega a isca com a rede de malha fina, pra isca o espinhel. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Pegar o peixe. S.T. v.t.: Ver: Puxar o peixe

> -(...) entin <pega o peixe> pá dentru da canoa e vem embora pá casa. (P., 54, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

Puxar o peixe. S.T. v.t.: Ação pela qual o pescador artesanal, recolhe o pescado para dentro da embarcação.

V.: pegar o peixe, tirar o peixe.

> -(...) pra <puxar o peixe> (o que é puxar o peixe?) vir fisgadu o peixe vem fisgadu no anzor. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> - enti <puxa o peixe> pá dentu do barco. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

R

Remar. v.t. : Impulsionar o *casco*/*canoa* em uma determinada direção

Cf. : Casco.

> -(...) nós ia a remo, na época não tinha motor, era <remado> mesmo. (P., 67, 3ª fund., R.P., Z. Rural.).

Rimpar a vara. S.T. v.t.: Ação por meio da qual o *pescador* dá pancadas na água com uma *vara*, com a finalidade de direcionar os *peixes* para a *rede* realizada durante a *pesca de rede* e de *borqueio*.

Cf. : Pesca de rede, pesca de borqueio.

> -(...) é as vez eles rimpo, pego a vara rimpa é <rimpa a vara> na agua. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

Reponta. s.f.: Principio de uma *enchente*, quando a maré vazou (diminuiu seu volume de água) e ficou parada por alguns minutos e só então começa a encher novamente (aumentando seu volume de água).

Cf.: encher e vazar.

> -(...) a <reponta> é quando a água vira di inchenti. (p., 62, Semianalfabeto, R.P., Z.Rural.)

T

Tecer. v. t.: Ação de produzir manualmente *tarrafas* e *redes* de pesca.

> - Eu teço as minhas redes, eu tava tecendo uma tarrafa com essa agulha. (Pª., 52, Semianalfabeta, V. C., Z. Urb.).

Tirar o peixe. S.T. v.t.: Ver: Puxar o peixe.

> -(...) se tiver o peixe <tira o peixe> se não tiver tira a rede e vai embora. (P., 62, analfabeto, R.P., Z. Rural).

Tirar a rede. S.T. v.t.: Ação que consiste na retirada da *rede de pesca* da água.

Cf.: rede de pesca.

> -(...) se tiver o peixe tira o peixe se não tiver <tira a rede> e vai embora. (P., 62, analfabeto, R.P., Z. Rural).

V

Vazar. v.t.: Ação natural do movimento das águas, condicionado pelas fazes da lua, das *marés* quando estas reduzem seu volume de água (nível) ás margens dos rios, igarapés, e baias da região do baixo Tocantins.

> -(...) quando ela termina de incher ela volta vai <vazar>, ai é nessa parada que a boia buia. (P., 62, Analfabeto, R.P., Z. Rural.).

Vender. v.t.: Ação que consiste em ir vender o *pescado* para o *marreteiro*.

Cf.: pecado, marreteiro.

> -(...) Eu vou <vender>, quando da pra <vender> eu <vendo>, quando não eu tiro pra comer. (P., 62, analfabeto, R.P., Z. Rural).

Universo da Pesca Artesanal: Locais, Embarcações, Instrumentos, Ferramentas e Objetos.

A

Aba do remo.: s.t.: Parte do *remo* que entra em contato com a água do rio para promover a locomoção da água e consequentemente a locomoção da embarcação.

> -(...) a <aba do remo> que serve pra puxar a água. (P.,54, Semianalfabeto, V. C., Z. Urb.).
>
> -(...) na <aba do remo> é onde passa água. (P., 19, Alfabetizado, R.P., Z. Rural).

Agulha.: s.f.: Ferramenta utilizada na confecção de *redes* de pesca.

> -(...) eu passo a <agulha> e vô entralhando a rede. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) essa <agulha> serve pra fazer a rede, a pessoa vai como se fosse costurando. (P., 18, Alfabetizado, V. C., Z. Urb.)

Anzol.: s.m.: Ferramenta utilizada pelo profissional da *pesca* ao colocar a *isca* no anzol para captura o *peixe*.

V.: anzó

> -(...) quando o peixe tá no <anzol> ele fica preso até quando a gente puxa da água. (P., 42, Semianalfabeto., V.C., Z. Urb.).
>
> -(...) é no <anzol> que agente fisga peixe. (P., 19, Alfabetizado, R.P., Z. Rural).

Anzó.: s.m.: Ver.: Anzol.

> -(...) ai a gente fala que o peixe tá no <anzó>, por que ele tá seguro. (P., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) o <anzó> serve pra pega peixe grande e também o piqueno. (P., 39, Alfabetizado., V.C., Z. Urb.).

Amarra.: s.f.: Ferramenta utilizada para esticar uma *rede de pesca* ou *espinhel* dentro do rio.

Cf.: Espinhel.

V.: marra.

> -(...) a <amarra> serve pra sustentar a rede pra ela não fechar dentro do rio. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Nota.1: Esse termo ocorre apenas no rio Panacauera.

Nota.2: A amarra é a união do ferro com a garrafa por meio de fios que irão depois compor o espinhel.

Arame. s.m.: Matéria da qual o *anzol* é composto.

> -(...) esse anzor é feito de um <arame>, isso é tipo de ferro mais fino. (P., 42, Semianalfabeto., V.C., Z. Urb.).

> -(...) o <arame> é o material que é bom pra fazer o anzó, as veze tem um tipo de ferro que não presta, é muito fraco. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Argola.: s.m.: Peça da embarcação por onde passam as cordas de fixação da embarcação em um determinado lugar.

> -(...) a gente passa a corda na <argola> e prede o barco. (P., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

> -(...) essa <argola> serve pra amarrar o barco. (P., 18, alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Atravessador.: s.m.: Pessoa para quem os pescadores vendem seus peixes.

V.: Marreteiro.

> -(...) o <atravessador> ele compra o peixe e vai revender na rua. (P.,54, Alfabetizado, V. C., Z. Urb.).

> -(...) a gente vende nosso peixe pro <atravessador> aí ele vai vendê poraí. (P., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

B

Babaçu.: s.m.: Fruta seca utilizada junto com o *farelo* na confecção da *puquêca.*

C.f.: Farelo, Puquêca.

> -(...) o <babaçu> é uma fruta que a gente bota no sol pra depois fazer a puquêca. (P., 18, alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

> -(...) é do <babaçu> que a puquêca é feita, é botado tudo dentro da folha do urumã. (P., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Banco.: s.m.: Parte da embarcação de os pescadores se sentam para descansar ou durante a movimentação da embarcação.

> -(...) no <banco> é onde eu sento "risos", serve pra isso. (P., 42, Semianalfabeto., V.C., Z. Urb.).

> -(...) se tu ver o <banco> serve pra sentar e também pra preparar uma isca na hora se precisar. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Baía.: s.f.: Local onde o rio é mais largo e possuí grande volume de água.

> -(...) a <baía> é onde tem mais peixe, lá a maré tem 30 braças. (P., 18, Alfabetizado, V. C., Z. Urb.).

> -(...) a gente vai pra <baía> por que lá é mais grande, tem mais espaço, o peixe gosta de ficar la. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Bailéu de poupa.: s.t.: Piso de madeira que recobre a parte traseira da embarcação.

> -(...) o <bailéu> da poupa é esse piso aqui, serve pra pisar mesmo. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

> -(...) a parte de trás do barco, la que fica o <bailéu de pupa>. (P., 42, Semianalfabeto., V.C., Z. Urb.).

Bailéu de proa.: s.t.: Piso de madeira que recobre a parte frontal da embarcação.

> -(...) já esse é o baíléu de proa, nesse agente fica sentado ás vezes. (P.,54, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

> -(...) tu sabe na frente do barco? poisé lá que fica o <bailéu de proa>. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Balança.: s.f.: Instrumento utilizado para medir o peso dos peixes capturados.

> -(...) quando chega da pesca o cara vai lá e coloca o peixe na <balança> pra ver o peso do peixe. (P., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

> -(...) a <balança> é pra pesar o peixe né? (P., 18, alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Barco.: s.m.: Meio de locomoção utilizado pelos pescadores ao pescar.

> -(...) o <barco> é o que a gente usa pra andar no rio. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

> -(...) o <barco> é o nosso carro aqui, por aqui ele é nosso meio de transporte. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Basqueta.: s.f.: Item de plástico utilizado para armazenar os peixes dentro do barco.

> -(...) na <basqueta> que a gente carrega o peixe. (P.,54, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).
>
> -(...) quando a gente pega o peixe a agente bota logo pra dentro da <basqueta> aí depois é só entregar pro marreteiro. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Beira do rio.: s.t.: Margem do rio onde a água se encontra com a terra.

> -(...) olha, <a beira do rio> é a parte onde fica perto da terra, isso que a gente chama de <beira do rio> aqui. (P., 42, Semianalfabeto., V.C., Z. Urb.).
>
> -(...) <beira do rio> é aquela beirada do rio que passa na terra. (P., 67, semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Boca do matapi.: s.t.: Orifício localizado no centro do *matapi* por onde é colocada a *puquêca* e retirados os camarões.

> -(...) na <boca do matapi> que é tirado o camarão. (P., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) quando a gente vai colocar a puquêca, agente abre a <boca do matapi> e bota lá dentro. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Cf.: Matapi.

Bóia.: s.f.: 1. Ferramenta utilizada para a flutuação da l*inha* do *espinhel*. 2. Ferramenta utilizada para a flutuação da rede de pesca.

> -(...) é pra suspender a rede, essa <bóia> serve muito na rede. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).
>
> -(...) a <bóia> fica na rede pra boiar a parte de cima e deixar a rede aberta. (P., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Nota: A bóia pode ser utilizada tanto no equipamento do espinhel, quanto nas redes de pesca, seu uso varia de acordo com o tipo de pesca e de material que está sendo utilizado no momento da pesca.

Bocado de anzol.: s.t.: Conjunto de anzóis.

> -(...) um <bucado de anzol> é uma monte de anzol. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) sempre tem aquele <bucado de anzol> na minha caixa de ferramentas. (P., 42, Semianalfabeto., V.C., Z. Urb.).

Braça.: s.f.: Medida de tamanho que utiliza o tamanho dos braços dos seres humanos como referência.

> -(...) uma <braça> é a medida que tem do nosso braço. (P.,54, Alfabetizado, V. C., Z. Urb.).

> -(...) por exemplo assim: da ponta de uma mão até na utra é uma <braça>. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Braço da Âncora.: s.t.: Parte da *âncora* que entra em contato com o fundo do rio para imobilizar a embarcação.

> -(...) o <braço da âncora> é onde prende a âncora no rio. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

> -(...) quando a gente joga a âncora no rio o braço dela que prende no rio, ai o barco para de seguir no rio. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

C

Cabeçote do Remo.: s.t.: Parte do *remo* que serve de apoio para a mão.

> -(...) <cabeçote do remo> é aquilo onde se bota a mão pra segurar o remo. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

> -(...) a gente chama de <cabeçote> essa parte onde fica segurando. (P., 35, Semianalfabeto, R.P. Z. Rural).

Cabo.: s.m.: Fio de plástico utilizado na confecção de *redes de pesca*.

V.: Cabo Tipiti.

> -(...) o <cabo> é esse aqui, é de plástico pra durar mais. (P., 19, Alfabetizado, R.P. Z. Rural).

> -(...) <cabo> é pra fazer a rede, ele é mais resistente. (P., 39, Alfabetizado., V.C., Z. Urb.).

Cabo tipiti.: Ver.: Cabo.

> -(...) <cabo tipiti> é a mesma coisa que o cabo, ele serve pra fazer rede. (P.,54, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Nota.: Esse termo ocorre apenas na Vila do Conde.

Cadastro.: s.m.: Parte do barco onde fixa-se o *leme*.

> -(...) o <cadastro> é onde fica pendurado o leme. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

> -(...) pois é esse <cadastro> que é falado é lá onde fica preso o leme. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Caniço.: s.m.: Vara de pesca utilizada na ´pesca de pequenos e médios peixes.

> -(...) <caniço> é a mesma vara de pescar que o pessoal fala por ai. (P.,54, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

-(...) pra pegar os peixizinho a gente usa o <caniço>, é mais fácil. (P., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Carangueja.: s.f.: Gancho utilizado para fixar a *vela* da *embarcação* no *mastro*.

-(...) a <carangueja> é onde fica presa a vela do barco. (P.,54, Alfabetizado, V. C., Z. Urb.).

Nota.: Esse termo ocorre apenas na Vila do Conde.

Cardume.: s.m.: Nome dado para um conjunto de peixes.

-(...) aquele bocado de peixe que é o <cardume>. (P., 18, Alfabetizado, V. C., Z. Urb.).

-(...) o <cardume de curimatá> tava lá nas cabiceiras no seco. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Casco.: s.m.: Embarcação de pequeno porte com capacidade para até 5 pessoas.

-(...) <casco> é esse barquinho ali, ele é piqueno e pra pouca gente mermo. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

-(...) nesse <casco> a gente usa pra ir no igarapé, vai no remo mesmo. (P., 42, Semianalfabeto., V.C., Z. Urb.).

Chumbo.: s.m.: Material de metal utilizado em *redes* de *pesca* para afunda-las no rio.

-(...) olha, o <chumbo> fica dentro do cabo da rede, ele pesa pro fundo pra rede ficar aberta. (P.,54, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

-(...) <chumbo> é aquele peso que tem na rede. (P., 62, Semianalfabeto, R.P. Z. Rural).

D

Disel.: s.m.: Combustível utilizado em alguns tipos de motores de embarcações.

-(...) esse que é o combustível do nosso barco. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

-(...) aquele motor por exemplo é <disel>, ele é mais barato. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.)

E

Espinhel.: s.m.: Ferramenta formada pela união de linha e vários anzóis utilizada na pesca de peixes de médio porte.

C.f.: Braça.

> -(...) É uma atiradeira, são vários metro de linha[...] a linha vai profundo, os anzol de três em três braça (P.,54, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).
>
> -(...) aquele monte de anzol junto é o <espeinhel>. (P., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

F

Farca.: sf.: Peça de madeira utilizada na fabricação de embarcações.

> -(...) é aquela parte de madeira que reforça o barco. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) serve pra segurar a parte de cima do barco, ele fica mais forte com essa <farca>. (P., 42, Semianalfabeto., V.C., Z. Urb.).

Farelo.: s.m.: Arroz triturado utilizado na fabricação da *puquêca*.

C.f.: Puquêca.

> -(...) a gente usa o <farelo> de isca dentro da poqueca pra trazer o camarão. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).
>
> -(...) o <farelo> é do babaçu, serve pra chamar o camarão pra dentro do matapi. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Farelo de Arroz.: s.t.: Composto orgânico utilizado na fabricação da *puquêca*.

Cf.: Puquêca.

> -(...) o <farelo do arroz> é a mesma coisa que o farelo, mas é feito de arroz. (P.,54, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).
>
> -(...) é iguar o farelo, só muda que é mais fácil de achar. (P., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Ferro.: s.m.: Instrumento de metal utilizada de diversas formas na *pesca artesanal*.

V.: Ferro do espinhel.

> -(...) <ferro> é isso aqui, a gente usa pra muita coisa. (P.,54, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).
>
> -(...) <ferro> é tudo isso que é de aço, eu uso de peso no espinhel. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Nota.: O ferro dentro da pesca artesanal é utilizado desde a âncora do barco até como parte da *amarra*, dessa forma sua utilidade varia de acordo com a necessidade do momento.

Ferro do espinhel.: s.t.: Ver.: Ferro.

> -(...) o <ferro do espinhel> é esse peso de ferro que agente usa. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) ferro é igual o <ferro de espinhel> fica pesado pro pespinhel ir pro fundo. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Folha de Urumã.: s.t.: Material orgânico utilizado na fabricação da *puquêca*.

C.f.: Puquêca.

> -(...) a <folha do urumã> é pra fazer a poqueca. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) essa <folha> a gente usa na montage da puqueca. (P., 18, alfabetizado, V.C., Z. Urb.)

Friso.: Peça de madeira que faz parte da embarcação.

> -(...) <friso> é uma peça de madeira pra reforçar o barco. (Pª., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) esse <friso> é pro barco ficar maias forte, é de madeira é. (P., 42, Semianalfabeto., V.C., Z. Urb.)

Nota.: O *friso* é utilizado para dar reforço à estrutura da embarcação.

Funil do Matapi.: s.t.: Parte do *matapi* por onde entram os *camarões*.

> -(...) <funil do matapi> é por onde o camarão entra atrás da puqueca. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) é o buraco de onde o camarão entra no matapi, ai ele fica preso. (P.,54, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

G

Garapé.: s.m.: Curso de água pequeno que normalmente é um braço de um rio maior.

V.: Igarapé

> -(...) <garapé> é a parte pequena do rio, lá é bem raso. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.)
>
> -(...) é o rio que é mais fino, lá só passa barco pequeno, não tem muito peixe lá. (Pª., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Garrafa.: s.f.: Garrafa de plástico utilizada na *amarra*.

> -(...) essa <garrafa>que a gente fala é aquelas mesmo de refrigerante. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) na amarra tem uma <garrafa> que é pra boiar o espinhel. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

I

Igarapé.: s.m.: Ver.: Garapé.

> -(...) <igarapé> é um braço fino do rio, num dá muito peixe sabe? (P., 19, Alfabetizado, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) as veze nós vamo no <igarapé> buta o matapi. (P., 39, Alfabetizado., V.C., Z. Urb.).

Invira.: s.f.: Composto orgânico retirado do *miritizeiro* utilizado na confecção da *puquêca*.

> -(...) a <invira> é uma palha retirada do miritizeiro. (P., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) esse disfiado aqui é a <invira>, a gente usa pra amarrar a puquêca. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Isca.: s.f.: Chamariz fixado no anzol para atrair peixes.

> (...) A gente tem um tipo de <isca> que a gente usa né, pode ser o mapará a sarda, a gente pega(...) isca no anzol e pega o peixe (P.,54, 2ª, V.C., Z. Urb.)
>
> (...) quando a gente pega a <isca> a gente bota no anzol pra chamar o peixe. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.)

L

Língua do Matapí.: s.t.: Parte do *matapí* por onde os camarões são retirados.

-(...) <língua do matapi> é a mesma porta de onde a gente tira o camarão do matapi. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

-(...) pois é , esse buraco onde se bota a isca lá que é a <língua> (P., 42, Semianalfabeto., V.C., Z. Urb.).

Linha.: s.f.: Material de que a rede de pesca é feita.

-(...) É um material prástico. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

-(...) <linha> é tudo isso que é usado aqui pela gente, pra fazer rede, essas coisa. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

M

Malha.: s.f.: Espaços entre as linhas da rede de pesca.

-(...) <malha> é os espaço que tem na rede. (P.,54, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

-(...) esses buraco que tem na rede que chamamo de <malha>. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Nota.: A malha de uma rede pode variar de acordo com o tipo de peixe que a mesma deve capturar.

Malhadeira.: s.f.: Ver.: Rede

-(...) a <malhadeira> é a rede que a gente usa pra malhar o peixe. (P., 19, Alfabetizado, R.P., Z. Rural).

-(...) <malhadeira> é essa rede ali que a gente usa pra pescar. (P.,54, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

Marra.: s.f.: Fio de náilon que liga a boia ao ferro durante a *pesca de espinhel*.

Cf.: Pesca de espinhel.

-(...) a <marra> é a amarração que tem o espinhel. (P., 67, Semianalfabeto, R.P. Z. Rural).

Nota.: Esse termo ocorre apenas no Rio Panacauera.

Marreteiro.: s.m.: Ver.: atravessador.

-(...) vendemo nosso peixe pro <marreteiro>. (P.,54, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

> -(...) esse <marreteiro> é pra quem a gente vende nosso peixe. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Matapi.: s.m.: Ferramenta utilizada para capturar e aprisionar *camarões*.

Cf.: *camarões*

> -(...) <matapi> é o que a gente usa pra pegar o camarão, a gente bota ele na bera do rio. (P., 52, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).
>
> -(...) o <matapi> é isso aqui, a gente usa na pesca do camarão. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Mercado.: s.m: Local onde os pescadores levam seus peixes para vender.

> -(...) ai agente leva o peixe pra vender lá no <mercado>. (P., 42, Semianalfabeto., V.C., Z. Urb.).
>
> -(...) lá que vendemo nossos peixe pro pessoal daqui. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Montaria.: s.f.: Embarcação de pequeno porte utilizada na pesca do camarão.

V.: Rabetinha.

> -(...) <muntaria> é um barco de remo, só pra cinco pessoas no máximo. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) eu pego a <muntaria> e vou buta o matapi la no garapé. (P., 52, Semianalfabeto, V. C., Z. Urb.).

Motor.: s.m.: Máquina movida a combustível utilizado na locomoção de alguns tipos de embarcações.

> -(...) alguns barco é de <motor> por que é mais rápido. (P.,54, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).
>
> -(...) o <motor> é o que puxa o barco dentro da água, melhor que ir remando haha. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

N

Nalhon: s.m.: Material utilizado na fabricação de redes de pesca.

> -(...) <nalhon> é o fio de que a rede é feita. (P., 19, Alfabetizado, R.P., Z. Rural).

Nota.: Esse termo ocorre apenas no Rio Panacauera.

Náilon.: s.m.: Material utilizado na fabricação de redes de pesca.

> -(...) o <náilon> é a linha que eu faço essa rede. Ele é bem mais resistente que o prástico. (P., 39, Alfabetizado., V.C., Z. Urb.).

Nota.: este termo ocorre apenas na Vila do Conde.

P

Panacauera.: s.m: Nome dado a um rio localizado no Baixo Tocantins.

V.: Panacuera.

> -(...) aqui no <panacauera> a pesca era mais forte antigamente. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Nota.: Esse termo ocorre apenas no Rio Panacauera.

Panacuera.: s.m.: Ver.: Panacauera.

> -(...) o povo do <panacuera> pesca muito pro sustento mesmo. (Pª., 19, Alfabetizado, R.P., Z. Rural)

Nota.: Esse termo ocorre apenas no Rio Panacauera.

Panagem.: s.f.: Parte de uma rede de pesca que possui cem metros de comprimento.

> -(...) É um tamanho de rede de cem metros. (P., 52, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

Nota.: Este termo ocorre apenas na vila do conde.

Pesqueiro.: s.m.: Local onde os peixes costumam estar localizados.

> - (...) É uma posição que você vai lá um dia, né; aí você joga a rede e você pega um peixe, o pescador que é safo no negócio, ele pega, ele faz um marco nos pau lá e tal , poxa aqui tem peixe, amanhã eu venho aqui de novo. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Plástico.: s.m.: Nome dado para o composto derivado do petróleo, do qual alguns matériais são feitos.

> -(...) Fio de <plástico> é esse aqui, isso que eu falo de <plástico>. (P., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Nota.: Esse termo ocorre apenas no Rio Panacauera.

Puquêca.: s.m.: Isca utilizada dentro do *matapi* para atrair os camarões.

Cf.: Matapi.

> -(...) a <puqueca> é a isca que fica dentro do matapi, pra atrair o camarão e ele fica preso la dentro. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) essa < puqueca> é feita do urumã com o farelo dentro, ai o camrão vem cumê dentro do matapi. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Poço.: s.m.: Região centralizada e mais profunda do igarapé /rio/baia.

> -(...) enti afinca a vara no <poço>. (P., 19, Alfabetizado., R.P., Z. Urb.).

Nota.: este termo ocorre apenas no Rio Panacauera.

Poupa.: s.f.: Parte traseira da embarcação.

> -(...) é a parte de de trás do barco. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) a <poupa> é lá atrás do barco. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.)

Prástico.: s.m.: Nome dado para o composto derivado do petróleo, do qual alguns matériais são feitos.

> -(...) o <prástico> é a nossa linha daqui. (P., 39, Alfabetizado., V.C., Z. Urb.).

Nota.: este termo ocorre apenas na Vila do Conde.

Proa.: s.f.: Parte frontal da embarcação.

> -(...) a < proa> é a frente do barco. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).
>
> -(...) frente do barco que a gente chama de <proa>. (Pª., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

R

Rabicho do Anzol.: s.t.: Parte do anzol cuja função é a fixação do mesmo em algum tipo de linha.

Nota.: O tipo de linha na qual o anzol será preso depende do tipo de pesca que será realizado com o mesmo.

> -(...) é esse lugar onde prende o anzor. (P., 19, Alfabetizado, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) olá onde fica presa a linha no anzol que é o <rabicho>. (P., 42, Semianalfabeto., V.C., Z. Urb.).

Rabeta.: s.f.: Embarcação à motor de pequeno porte.

> -(...) é um barco piqueno que tem um motozinho. (P., 19, Alfabetizado, R.P., Z. Rural).
> -(...) a <rabeta> é um barquinho à motor mais leve. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Rabetinha.: s.f.: V.: Montaria

> -(...) as <rabetinhas> num tem motor, é só remo mesmo. (P., 19, Alfabetizado, R.P., Z. Rural).
>
> -(..) olha, tem <rabetinha> que tem motor e outra não. (P.,54, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

Reboque.: s.m.: Embarcação cuja finalidade é rebocar outras embarcações.

> -(...) as vezes quando um barco tem que ser rebocado, ai tem o reboque pra fazer isso. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Nota.: Esse termo ocorre apenas na Vila do conde.

Rede.: s.f.: Ferramenta com maior índice de captura de peixes utilizada na pesca artesanal.

V.: Malhadeira.

> -(...) a <rede> é nossa ferramenta pra pescar aqui no rio. (Pª., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) quando vamo pescar, a gente leva a <rede>, é o que é mais usado aqui no nusso rio. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Rede de arrastão.: s.t.: Rede de pesca feita de náilon utilizada na captura de pequenos e médios peixes.

> -(...) a < rede de arrastão> é uma rede que vamo arrastando ela no rio. (P., 54, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Nota.: Esse termo ocorre apenas na Vila do Conde.

Rede de lanço rápido.: s.t.: Rede de pesca para pescar rápidas.

> -(...) a gente usa uma rede pra fazer esse lanço rápido, essa rede é pra fazer essa pesca mas ligeira. (P., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Nota.: Esse termo ocorre apenas no Rio Panacauera.

Remo.: s.m.: Ferramenta utilizada na impulsão de barcos pequenos.

> -(...) o <remo> é pra puxar a água quando vamo de casco. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

> -(...) quando não precisa usar o motor do barco a gente usa o <remo> mesmo. (P., 42, Semianalfabeto., V.C., Z. Urb.).

S

Sonda.: s.f.: Ferramenta utilizada na localização de peixes dentro do rio.

> -(...) a <sonda> é pra gente procurar o peixe no rio. (P., 39, Alfabetizado., V.C., Z. Urb.).

Nota.1.: Esse termo ocorre apenas na Vila do Conde.

Nota.2.: A sonda leva uma isca na ponta onde o peixe for fisgado é um indício para que no local haja um cardume.

T

Tala.: s.f.: Instrumento utilizado para localizar os peixes no rio.

V.: Tala de Jupati.

> -(...) A <tala> é pra procurar o peixe, num é mistero não. (P., 35, Semianalfabeto, R.P. Z. Rural).

Nota.: Esse termo ocorre apenas no Rio Panacauera.

Tala de Jupati.: s.t.: Ver.: Tala.

> -(...) a gente usa a <tala do jupatí> pra procurar o peixe. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Nota.: Esse termo ocorre apenas no Rio Panacauera.

Tinta de muricizeiro.: st.: Tinta orgânica retirada de uma árvore para aumentar a durabilidade do *espinhel.*

> -(...) a gente passa a <tinta do muricizeiro> nu fiu tudo pra num apodrecer. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

> -(...) ai é passado tudinho no fio, isso é por que ele fica muito tempo dentro d'água. (P., 18, Alfabetizado, V. C., Z. Urb.).

Nota.: A tinta do muricizeiro é aplicada no espinhel para que o mesmo não apodreça com facilidade dentro da água.

Tonelada.: s.f.: Unidade de medida utilizada para pesar o pescado a partir de mil quilos.

> -(...) a <tonelada> é iguar à mil quilos mesmo. (P., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

> -(...) é o peso que o nosso barco aguenta, o meu acho que é umas duas <tonelada>. (P., 18, alfabetizado, V. C., Z. Urb.).

V

Vara.: s.f.: Haste de madeira usada para amarrar o *matapi* a margem do rio.

> -(...) enti afinca a <vara> no poço. (P., 42, Semianalfabeto., V.C., Z. Urb.).

> -(...) as <vara> é pra prender os <matapi>. (Pª., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Tipos de Pesca, Pescadores, Pescado e Iscas.

A

Arraia. s.f.: Peixe cartilaginoso que nasce e vive na água e respira por traqueias.

> - A arraia é um tipo de peixe que aqui a enti vê mais nas praia, ela é redonda preta por cima e branca por baixo, tem um ferrão. (Pª., 52, Semianalfabeta, V.C., Z. Urb.).

Arapaia. s.f.: Isca utilizada na *pesca artesanal* que corresponde a um peixe pequeno, de estrutura óssea, utilizado na captura de peixes maiores na *pesca de anzol*.

Cf. : pesca de anzol.

V.: Arapairá, Sarantanha, saranha, sarapaia, sardinha de gato, sardinhazinha de gato.

> -(...) com a malha 20 pra pegar a <arapaia> que é uma sardinhazinha que a ente pega pra isca a linha ... que a ente tem essa rede que é de malha pequena que pra pesca a <arapaia> pra corta pra isca o espinhel. (Pª., 52, Semianalfabeta V.C., Z. Urb.).

Arapairá. s.f.: Ver.: Arapaia

> - (...) a <arapairá> é uma sardinhazinha que enti usa como isca. (P., 54, Semianalfabeto, V.c., Z. Urb.).

B

Bacú. s.m.: Peixe de estrutura óssea, com três esporas e uma linha de espinhos na lateral, de carne saborosa, pescado para o consumo, e venda e também para ser usado como *isca* na *pesca de anzol*.

Cf. : isca, pesca de anzol.

> - (Quais os tipos de peixe que tem aqui nessa região?) - Na região olha mapara, dorada, pescada, sarda, tem tainha na praia .... mandim, peixe que tem o <bacú> que a enti usa como isca. (Pª., 52, Semianalfabeta., V.C., Z. Urb.).

> - O bacu é um peixe que aqui é o que mais tem aqui perto desses navios de soja, ele come a soja que cai quando tão carregando os navios de soja, ele é um peixe com 3 esporas. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Babaçu. s.m.: Isca extraída do fruto da palmeira do babaçu, cujos frutos fornecem sementes oleaginosas e comestíveis, das quais se extrai um óleo útil, a parte grosseira que resta depois da peneiração é transformada em farelo, utilizado na pesca de *matapi* para fazer a *puquê*ca para capturar o camarão, na *pesca de matapi*.

Cf.: matapi, puquêca, pesca de matapi.

> - É uma fruta né, que vem dai, tem os lugares que tem o babaçu né, e misturado com o farelo pra ficar mais gostoso pro camarão. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Borqueador. s.m.: Pescadores que praticam a *pesca de borqueio*.

Cf.: Pesca de borqueio.

> - O <borqueador> é os cara que trabalha cá rede de borqueio ... é o <borqueador> ele faz o borqueio pra pegar o peixe. (P., 32, Semianalfabeto, R. P., Zona Rural.).

Borqueio de puçá. S.T. s.m.: Tipo de *pesca* que utiliza dois *cascos* para *borquear* a *rede de puçar* na captura dos pescado.

Cf.: borquear, rede de puçar.

> -(...) tem muitas pescaria qui, tem tem esse de <borqueio di puçá> aqui tem nessas localidades o puçá.(P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Boto. s.m.: Golfinho de agua doce, que destrói as *redes* dos pescadores e come o *peixes* já *fisgados* ou *malhados*.

Cf. : Rede, fisgar, malhar.

> -(...) O <boto> é um peixe que vem e tira todo o peixe da rede da ente e caba cuam a rede da enti.(P., 54, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.)
> -(...) Um rapaz pegu hoje um tucu di filhote que o <buto> deixou deu 14 quilu. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

C

Caramujo. s.m.: Pequeno molusco, que tem o corpo coberto por uma crosta e por dentro é gelatinoso, encontrado nas margens dos rios do baixo Tocantins.

> -(...) porque esse negócio de <caramuju> tudu enti ... camarão ... só que depois que a enti chegou pra cá era só na rede e anzol que a enti pesca pra ca mesmo.. (P., 54, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

Camarão. s.m.: Crustáceo pequeno, sem estrutura óssea, conhecido mundialmente por ter carne muito saborosa, capturado na *pesca de matapi*.

Cf.: pesca de matapi.

> -(...) isso é pro <camarão> entra ele entra por ai. (Pª., 35, Semianalfabeta, R.P. Z. Rural).

> -O <camarão> é um pequeno marisco de casca ele tem uma casca fina e dentru da casca fica a carne dele, ele se alimenta de limo de cocô. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Crustáceos. s.m.: Classe de animais articulados que tem o corpo revestidos por uma crusta calcaria, encontrados na bacia amazônica.

> - Os <crustáciu> são os camarão, os caramujos que enti pega. (P., 39, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

D

Dorada. s.f.: Peixe de estrutura óssea, coloração esverdeada, que chega a pesar 20 quilos, encontrada nas baias da região do baixo Tocantins, capturada pelos *pescadores artesanais* na *pesca de anzol.*

Cf. : pesca de anzol.

V. : Dorado

> - (Quais os tipos de peixe que tem aqui nessa região?) - Na região olha mapara, <dorada>, pescada, sarda, tem tainha na praia .... mandim, peixe que tem o bacu.. (Pª., 52, Semianalfabeta., V.C., Z. Urb.).

> - A <dorada> é um peixe de cor esverdeada, ela chega a 9,12,15 quillo 20 quilo, depende do tamanho dela. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Dorado. s.m.: Ver.: Dorada

> - (O que o senhor pesca?) <Dorado> filhote pescada e diversos outros tipos de peixe. (P., 19, Alfabetizado, R.P. Z. Rural).

F

Filhote. s.m.: Peixe de estrutura óssea, coloração azulada com barbatanas e ferrãos, que chega a pesar 50 quilos, encontrado nas baias da região do baixo Tocantins, capturado pelos *pescadores artesanais* na *pesca de anzol.*

Cf. : pesca de anzol.

> - O <filhote> é um peixe que chaga a 50 quilos, ele chega grande, ele tem a barriga toda branca, ele é um peixe com a cor bem azulada na costa.com os bigode grande, com uma ferrilha na boca altamente cortante. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

M

Marisco. s.m.: *Crustáceos* de agua doce, encontrados nas bacias hidrográficas da Amazonia.

Cf. : crustáceos.

> -(...) <marisco> só de pesca... é <marisco> é uma pesca porque lá a ente vivia de tudo (P., 54, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

Mapará. s.m.: Peixe de estrutura óssea, coloração branca, com barbatanas, encontrado nos rios e baias da região do baixo Tocantins, capturada pelos *pescadores artesanais* na *pesca de rede.*

Cf. : pesca de rede.

> -(...) (Quais os tipos de peixe que tem aqui nessa região?) - Na região olha <mapara>, dorada, pescada, sarda, tem tainha na praia .... mandim, peixe que tem o bacu.. (Pª., 52, Semianalfabeta., V.C., Z. Urb.).
>
> - O mapará é um peixe que tem ispinha no meio que sustenta ele, tem um bigode, mas só que ele não é pego de anzol, só de rede mesmo. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Mandim. s.f.: Peixe pequeno, usado como isca na pesca de *anzol* e de *espinhel.*

Cf. : isca, pesca de anzol, pesca espinhal.

> - O <mandim> é um peixe pequeno que eu uso também como isca pru ispinhel. (P., 39, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

> - O <mandim> é um peixinho branco que não cresce. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).
>
> -(Quais os tipos de peixe que tem aqui nessa região?) - Na região olha mapara, dorada, pescada, sarda, tem tainha na praia .... <mandim>, peixe que tem o bacu.. (Pª., 52, Semianalfabeta., V.C., Z. Urb.).

Margulhe. s.m.: Ver.: Mergulhador.

> - É tem o <margulhe> é ele que vai no fundo trança os cabo ... tem que tança os cabo nessa pesca de arrastão. (P., 32, Semianalfabeto, R. P., Z. Rural.).

Mergulhador. s.m.: Pescador cuja função é mergulhar e trançar as duas *redes de arrastão*, na *pesca de arrsatão*.

Cf.: Rede de arrastão, pesca de arrastão.

V.: Margulhe.

> - O <mergulhado> é o cara que vai no fundo e amarra os cabos das duas redes na pesca de arrastão ... quando eu pescava com o meu avô era eu q ia no fundo amarrar os cabo. (P., 67, Semianalfabeto, R. P., Z. Rural.).

P

Peixe. s.m.: Animal de estrutura óssea que nasce e vive na água e respira por quelras.

> -(...) quanto maior o <peixe> maior a malha menor o <peixe> menor a malha. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).
>
> -(...) Existe anzor né pra quem trabalha di anzo cada tamanho di <peixe> é um tipo di anzo aqui a enti trabalha. (P., 39, Alfabetizado., V.C., Z. Urb.).

Peixe da maré. S.T. s.m.: Ver.: Peixe Fresco

> -(...) É porque é assim nos só trabalha com peixe fresco com <peixe da maré> mesmo. (P., 39, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Peixe fresco. S.T. s.m.: Diz-se do *peixe* que não vai pro *gelo*, que é *pescado* e vendido no mesmo dia.

Cf.: peixe, gelo, pescado.

V. : Peixe da maré

> -(...) É porque é assim nos só trabalha com <peixe fresco> com peixe da maré mesmo. (P., 39, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

> -O nosso peixe é fresquinho, nós entrega eles quase vivo pro marreteiro. (P., 19, Alfabetizado, R.P. Z. Rural.).

Peixe de gelo. S.T. s.m.: É o peixe que é capturado e armazenado no gelo por dias antes de chegar ao consumidor.

Cf.: Peixe fresco.

> -(...) enti não trabalha com <peixe de gelo> porque a nossa pesca é rápida. (P., 39, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

NOTA: É o peixe que vem geralmente do amazonas, e precisa ficar no gelo por causa da viagem que é longa, cm duração de 3 a 8 dias.

Pesca artesanal. S.T.s.f.: Captura artesanal de *peixes* e *crustáceos* nos rios, igarapés e baias da região do baixo Tocantins, praticada de várias formas (*pesca de rede*, *de matapi*, *de caniço*, *de tarrafa*, *de anzol*, e suas variantes), cuja a finalidade é a subsistência (alimentação) dos pescadores e suas famílias e a comercialização em pequena escala, praticada principalmente, com mão de obra familiar (pais, filhos e netos), com embarcações feitas de madeira de pequeno e médio porte.

Cf.: peixes, crustáceos, pesca de rede, pesca de matapi, pesca de tarrafa, pesca de anzol.

> - A gente trabalha com <pesca artesanal> né porque a rente vai todo dia pesca e nossa pesca é pouca quando dá pra renti vender arenti vendi, quando ao a rentira pá boía [comida/alimentação]. (P., 54, Semianalfabeto, V. C., Z. Urb.).

NOTA: A pesca artesanal é caracterizada pelo tempo que o pescador fica no seu local de pesca, no caso da pesca artesanal nas regiões pesquisadas os pescadores vão e voltam, para suas residências, todos os dias nos pesqueiros.

Pesca de anzol. S.T. s.f.: Ver: Pesca de anzor

> - Aqui a enti pesca mais de anzol, é mais <pesca di anzol> mesmo, enti usa a rede pra pegar a isca. (P., 54, Semianalfabeto, V. C., Z.Urb.).

Pesca de anzor. S.T. s.f.: Captura artesanal de peixes nos rios e baias do baixo Tocantins, praticada com uso de mais de 100 anzóis dispostos de dois em dois metros em uma linha de nylon (*espinel*) com uma *boia* (garrafa pet) em uma extremidade e um *ferro* na outra para afundar o *espinhel*.

Cf. : espinhel, boia, ferro.

V. : Pesca de espinel, pesca de linhada.

> -(...) hoje em dia que é só com essa <pesca di anzor> e di malhadeira, né. (P., 32, Semianalfabeto, R.P, Z. Rural).

Pesca de arrasto. S.T. s.f.: V.: Pesca de borqueio.

> - (Qual o tipo de pesca o senhor exerce?) – é di pesca di arasrto, di rede e de colocação di anzor, né. (P., 32, 4ª fund., R.P, Z. Rural).
>
> -(...) se houver mais de um contexto com o <termo entrada>. (estratificação social do informante).

Pesca de arrastão. S.T. s.f.: Ver.: Pesca de borqueio.

> -(...) tem a pesca de malhadeira, tem pesca de rede de pegar... <de arrastão>. (P., 62, Semianalfabeto, R.P, Z. Rural).

Pesca de borqueio. S.T. s.f.: Captura artesanal de peixes nos rios e baías da região do baixo Tocantins, cuja a captura é feita com o uso de duas *redes* de nylon medindo aproximadamente de 100 a 200 metros de comprimento e de largura, lançadas na água formando uma barreira aos peixes, para puxara a *rede de borqueio.*

Cf.: rede de borqueio.

V.: Pesca de arrasto, pesca de arrastão, pesca de puçá.

> - Aqui tem vários tipo de pesca, ne, tem de <pesca di borqueiu> di arrasto, di puçá, é essas são com rede. (P., 32, Semianalfabeto, VR.P., Z. Rural).

Pesca de caniço. S.T. s.f.: Captura artesanal de peixes nos rios e igarapés do baixo Tocantins, praticada com uso de uma linha de fibra (1 a 2 metros de comprimento) e um *anzol iscado*, presos a um *caniço* (vara), na qual o pescador fica jogando o *anzol* na água como intuito de algum *peixe* comer a *isca*.

Cf.: anzol, iscado, caniço, isca.

> -(...) ai no causo eu uso <caniçio> no garapé pra mim pesca as vez (Pª., 52, Semianalfabeta, V.C., Z. Urb.).

Pesca de espinhel. S.T. s.f.: Ver: Pesca de anzor.

> - a nossa pesca é a de ispinel, eu e o meu irmão pescamo cum espinhel. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Pesca de linhada. S.T. s.f.: Ver: Pesca de anzor.

> - aqui a enti <pesca di linhada> com 200 a 300 anzor. (P., 54, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

Pesca de malhadeira. S.T. s.f.: Ver: Pesca de rede.

> -(...) tem a <pesca de malhadeira>, tem pesca de rede de pegar... de arrastão. (P., 2, Semianalfabeto, R.P, Z. Rural).

Pesca de matapi. S.T. s.f.: Captura artesanal de *camarão* nos rios e igarapés do baixo Tocantins, cuja captura é feita como *matapi* já *iscado* com a *puquêca* e amarrado nas *varas* as margens dos rios e igarapés.

Cf.: matapi, iscar, puquêca, vara.

> - eu <pesco de matapi>, aqui mesmo na beira do rio que da camarão. (Pª., 35, Semianalfabeta, R.P., Z. Rural.).

Pesca de tarrafa. S.T. s.f.: Captura artesanal de peixes nos rios da região do baixo Tocantins, cuja a captura é feita com o uso de uma *rede* de fibra ou de nylon, com uma grande quantidade de chumbo presa à parte inferior da rede, que ao ser lançada ao rio, afunda fechando em baixo, engaiolando os peixes.

Cf.: tarrafa.

> -A <pesca de tarrafa> ela é rápida a enti joga e a tarrafa e puxa na mesma hora. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Pesca de puçá. S.T. s.f.: Ver.: Pesca de borqueio.

> - Aqui tem vários tipo de pesca, ne, tem di borqueiu di arrasto, tem também a <pesca di puçá> com rede de puça. (P., 32, Semianalfabeto, VR.P., Z. Rural).

Pesca de rede. S.T. s.f.: Captura artesanal de peixes nos rios e baías da região do baixo Tocantins, cuja a captura é feita com o uso de uma *rede* de nylon medindo aproximadamente de 50 a 100 metros de comprimento e 10 a 30 de largura, essa rede é lançada na água para captura dos peixes.

Cf. : rede.

V. : pesca de malhadeira.

Pescada. s.f.: Peixe de estrutura óssea, corpo coberto por escamas de coloração branca.

V.: pescada grandona.

> -(...) (Quais os tipos de peixe que tem aqui nessa região?) - Na região olha mapara, dorada, <pescada>, sarda, tem tainha na praia .... mandim, peixe que tem o bacu.. (Pª., 52, Semianalfabeta., V.C., Z. Urb.).
>
> -(...) (O que o senhor pesca?) Dorado filhote <pescada> e diversos outros tipos de peixe. (P., 19, Alfabetizado, R.P. Z. Rural).

NOTA: A pescada é um peixe que é capturado tanto na pesca de anzol quanto na de rede ou malhadeira.

Pescado. s.m.: Todo peixe que é capturado pelos *pescadores artesnais*.

Cf.: pescador artesanal

> -(...) nós lanceava os poços vinha o <pescado> vem misturado tudu os tipo de peixe. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

NOTA: O pescado é referente a qualquer tipo de peixe da região do baixo Tocantins que é capturado pelos instrumentos dos pescadores artesanais.

Pescador. s.m.: Profissional que pratica a *pesca artesanal* de peixes e mariscos nas bacias hidrográficas da região do baixo Tocantins.

Cf.: Pesca artesanal.

> - O <pescado> semos nós que pesca todo dia né, que conhece tudu os luga de pesca. (P., 54, Semianalfabeto, V. C. Z. Urb.).
>
> - Bom o <pescador> é o cara que vive da pesca, eu o meu pai o meu avó, tudo somos <pescado>. (P., 19, Alfabetizado, R. P., Z. Rural.).

Pescada grandona. S.T. s.f.: Ver.: Pescada.

> - Já pega só <pescada grandona>... piquinininha já não pega. (Pª., 52, Semianalfabeta, V.C., Z. Urb.).

NOTA: Aumentativo de *pescada.*

Piaba. s.f.: Peixe de estrutura óssea, coloração amarronzada, com três esporas, encontrada nas baias da região do baixo Tocantins, capturada pelos *pescadores artesanais* na *pesca de anzol.*

Cf. : pesca de anzol.

V.: Piramutaba

> -(...) na pesca di anzor, enti pesca dorado, filhote, <piaba> é é esses... esses são mais grande. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> - A <piaba> ela é um peixe de três isporas ela tem um jeito de um filhote, ai ela é amarronzada bem escura. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Piramutaba. s.f.: V.: Piaba

> -(...) seja di dorada, seja di <piramutaba>, seja di filhote. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).
>
> -A <piramutaba> é a mesma piaba que chama, só que uns chama de <piramutaba> e outros de piaba, pra economizar palavra... rsrsrs... (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Puquêca. s.f.: Isca feita na *folha do urumã*, é uma mistura de *babaçu* e *farelo de arroz*, usada na *pesca de matapi* para a captura do *camarão*.

Cf.: babaçu, farelo de arroz, pesca de matapi.

V.: Puquêcazinha.

> -(...) gente tem que preparar a <puquêca> com farelo de arroz, a gente faz as <puquêca> , (do que é feita a puquêca?) É feita na folha do urumã, amarra ela, faz a puquêcazinha com farelo e amarra dentro do matapi. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

NOTA: A puqueca usada como isca na pesca de matapi é feita da mistu Puquêca *e arroz* e *Babaçu* com água morna.

Puquêcazinha. s.f.: Ver.: Puquêca

> - (Do que é feita a puquêca?) É feita na folha do urumã, amarra ela, faz a <puquêcazinha> com farelo e amarra dentro do matapi. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

R

Remador. s.m.: Pescador cuja a função é remar durante a *pesca de borqueio* para fechar o *borqueio*, usando dois *cascos*.

Cf.: pesca de borqueio, borqueio, casco.

> - É assim quando o talheiro fala ta aqui o peixe os <remadores> reman pra fechar o borqueio ... são 2 <remador> em cada casco. (P., 32, Semianalfabeto, R. P., Z. Rural.).

NOTA: Durante a pesca de borqueio são usados dois cascos, ficam 4 pescadores em cada casco, 2 desses remam fazendo um círculo em volta do peixe, fechando a rede o borqueio esta feito.

S

Sarantanha. s.f.: V.: Arapaia.

> -(...) Pros anzor tem que ter as isca, né (...) é a <sarantanha> um pexinhozinho piqueno. (P., 32, Semialafabeto, R.P, Z. Rural).

> -(...) A gente usa uma isca chamada <sarantanha> ... uma sardinhazinha que a gente pega pra corta e a gente coloca nos anzóis... <sarantanha> é tipo uma sarda tipo uma sardinha >. (P., 19, Alfabetizado, R.P, Z. Rural.).

Saranha. S.f.: Ver.: Arapaia.

> - A sarantanha aqui nos conhece por <saranha> que enti usa como isca também. (P., 18, Alfabetizado, V.C, Z. Urb.).

Sarapaia. s.f.: Ver.: Arapaia.

> -(...) <Sarapaia> é um tipo de sardinha (...) (P., 32, Semianalfabeto, R.P, Z. Rural).

Sarda. s.f.: Peixe de estrutura óssea, corpo coberto por escamas de coloração amarela, com uma espora na região central do corpo.

> - (Quais os tipos de peixe que tem aqui nessa região?) - Na região olha mapara, dorada, pescada, <sarda>, tem tainha na praia .... mandim, peixe que tem o bacu.. (Pª., 52, Semianalfabeta., V.C., Z. Urb.).

> - A <sarda> é um peixe de escama amarelo, tem uma grande ferra na barriga, so que ela não pega em anzol. (P., 18, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

NOTA: A sarda é um peixe que só é capturado por meio de redes e malhadeiras.

Sardinha. s.f.: Isca utilizada na *pesca artesanal* que corresponde a um peixe pequeno, de estrutura óssea e corpo coberto por escamas, utilizado na captura de peixes maiores na *pesca de anzol*.

Cf. : pesca de anzol.

> -A <sardinha> é uma isca nós usamos pra pesca us otrus peixes. (P., 18, Alfabetizado, V.C, Z. Urb.).

> -(...) Arapaia é um tipo de <sardinha> que tem ... ela é própria pra dorada mermo... é a isca (...) arapaia é um tipo de <sardinha>. (P., 39, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Sardinha de gato. S.T. s.f.: Ver.: Arapaia

> - a enti usa a <sardinha de gato>, é uma sardinhazinha de gato que enti chama, é uma sardinha piquinhinhinha. (P., 39, Alfabetizado, V.C. Z. Urb.).

> - A <sardinha de gato> é a mesma arapaia que enti chama, usa para pegar a dorada, a pescada, a piaba, o filhote... (P., 18, Alfabetizado, V.C. Z. Urb.).

Sardinhazinha de gato. S.T. s.f.: Ver.: Arapaia.

> - a enti usa a sardinha de gato, é uma <sardinhazinha de gato> que enti chama, é uma sardinha piquinhinhinha. (P., 39, Alfabetizado, V.C. Z. Urb.).

T

Tainha. s.f.: Peixe de estrutura óssea e escamas, coloração branca, encontrado nos rios e baias da região do baixo Tocantins, capturada pelos *pescadores artesanais* na *pesca de rede.*

> - (Quais os tipos de peixe que tem aqui nessa região?) - Na região olha mapara, dorada, pescada, sarda, tem <tainha> na praia .... mandim, peixe que tem o bacu.. (Pª., 52, Semianalfabeta., V.C., Z. Urb.).

Taleiro. s.m.: Pescador cuja função é procurar nas agua dos rios, baia e igarapes o peixe, com o uso da *tala de jupati*.

Cf.: Tala de Jupati.

V.: Talheiro

> - (...) vai sempre um taleiro na frente, procurando os peixes, achou, abri o borqueio e borqueia o peixe. (P., 19, Alfabetizado, R. P., Z. Rural.).

NOTA: O taleiro antes de mardar abrio a rede de borqueio, vai na frente procurar o peixe no local escolhido para a pesca de borqueio, dependendo da quantia de peixe no local eles borqueiam ou não naquele local.

Talheiro. s.m.: Ver.: Taleiro

> - O <talheiro> que nos cha é um que vai na frente do borqueio procurando o peixe. (P., 67, Semianalfabeto, R. P., Z. Rural.).

Tuí. s.m.: Peixe pequeno de estrutura óssea e coloração parda com faixas escuras, usado como isca na pesca de *anzol* e de *espinhel*.

Cf. : isca, pesca de anzol, pesca espinhal.

> - Eu descobri uma isca que é muito boa pra pegar filhote, é o <tuí> um peixe pequeno que só da debaixo dessas pontes. (P., 39, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).
>
> - O <tuí> a rente pega ele também pra fazer isca, ele é pego de tarrafa, enti usa também o <tuí> pra pegar dorada mais só que é muito difícil sabe. (P., 39, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

Fenômenos da Natureza.

A

Águas mortas.: s.t.: Nome dado para a maré baixa quando a mesma está sem nenhuma movimentação, seja ela de enchente ou vazante.

> (...) nas <água morta> é que a maré ta parada, quando a maré num tá nem inchendo e nem vazando. (P., 52, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

> (...) quando é nas <morta> o rio para e não anda. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

B

Baixa mar.: s.t.: Momento em que o nível do rio está em seu menor nível.

> (...) pois é, na <baixa mar> a maré tá bem baixa. (P., 52, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

> (...) a <baixa mar> é falada pro rio quando ele tá seco. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

L

Lançante.: s.m.: Nome dado quando o rio está com seu volume máximo de água.

> (...) é quando a água cresce. (P., 52, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

> (...) nessa hora a água ta bem cheia. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural.).

M

Maré.: s.f.: Nomenclatura utilizada pela maioria dos pescadores quando se referem a água do rio.

(...) é,<maré> é a água do rio. (P., 52, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

(...) <maré> é o rio mesmo, num tem dinferença. (Pª., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Maresia.: s.f.: Energia que é transferida do vento para a água e ocasiona o agitamento do mesmo.

(...) a <maresia> fica quando venta muito e a maré fica muito mexendo. (P., 52, Semianalfabeto, V.C., Z. Urb.).

(...) a maré agitada é a <maresia>, quando tá assim nos para um pouco. (P., 32, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

P

Preamar.: s.f.: Momento em que o rio começa a diminuir seu volume de água.

(...) é quando o rio começa a vazar. (P., 39, Alfabetizado., V.C., Z. Urb.).

(...) na <preamar> a água ta no começo da vazante. (P., 62, Semianalfabeto, R.P. Z. Rural).

T

Trevoada.: s.f.: Condição climática onde há ocorrência de ventania.

(...) quanto tá com muita <trevuada> o vento ta muito forte. (P.,54, Alfabetizado, V.C., Z. Urb.).

(...) num é então? As <trevuada> é bom pra usar a vela do barco porque dá muito vento. (P., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

Trovão.: s.m.: Fenômeno da natureza ocasionado pela descarga elétrica entre as nuvens e o solo, durante tempestades.

-(...) olha a <trovão> é um estrondo que dá quando cai o raio na terra. (Pª., 35, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

-(...) mas é como eu digo o <truvão> a gente não vê, só vemo o barulho mesmo. (P., 39, Alfabetizado., V.C., Z. Urb.).

Tipitinga.: s.f.: Coloração marrom na água ocasionada pelo volume elevado da chuva na encosta do rio.

> -(...) a <tipitinga> é quando chove muito ai a água fica barrenta, é a mistura di barru e água. (P., 35, Semianalfabeto, R.P. Z. Rural).
>
> -(...) <tipitinga> fica por causa do barro escorrido na água, aí fica feio. (P., 42, Semianalfabeto., V.C., Z. Urb.).

V

Vazante.: s.f.: Momento em que o volume de água do rio começa a diminuir.

> -(...) nas <vazante> a gente diz, nessa parte a água começa a baixar. (P., 67, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).
>
> -(...) por exemplo tu tá nu rio, aí o pescador diz que o rio a maré tá na <vazante>, aí tu já sabe que o rio começou a baixar. (P.,54,Alfabetizado, V. C., Z. Urb.).

Vento.: s.m.: Fenômeno da natureza ocasionado pela movimentação do ar na atmosfera terrestre.

> -(...) olha o <vento> eu não sei te dizer o que é, a gente sente essa brisa, isso aí é o vento. (P.,54, Alfabetizado, V. C., Z. Urb.).
>
> -(...) ás vezes a gente aproveita o <vento> pra fazer o barco andar, é mais devagar e não faz barulho. (P., 62, Semianalfabeto, R.P., Z. Rural).

GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA PESCA ARTESANAL DO BAIXO TOCANTINS – PA

FICHA DO INFORMANTE

Nome:_____.

Apelido:_____Sexo:_____.

Data de nascimento:_____Idade:_____.

Local de nascimento:_____Naturalidade:_____.

Estado civil: _____Tempo de casado:_____.

Escolaridade do informante:_____.

Endereço:_____.

Cidade:_____ UF:_____ Zona: _____ CEP:_____.

A quanto tempo reside na localidade?_____.

Já saiu da localidade(viajou):_____.

Quanto tempo passou fora (viajando):_____.

Com que idade chegou a cidade? (caso não seja natural da localidade): _____.

Profissão do informante: _____.

Tempo de profissão:_____.

Onde exerce sua profissão (onde trabalha, local):_____.

Tipo de renda: ( ) individual ( ) familiar

Serviço militar: ( ) não prestou ( ) prestou em _____/_____/_____.

Naturalidade do pai: _____ Profissão:_____.

Naturalidade da mãe: _____ Profissão: _____.

Naturalidade do cônjuge:_____ Profissão: _____.

Qual a fonte de renda da localidade? _____.

Características psicológicas do informante:

( ) tímido ( ) desembaraçado ( ) vivo ( ) perspicaz ( ) alegre ( ) sarcástico

Nome do entrevistador:_____.

Local da entrevista: _____Cidade: _____UF:_____.

Data da entrevista: ____/____/_____. Duração:_____.

QSL (Modelo ALiBE e ALiPA, adaptado).

1) Com o que o senhor trabalha?
2) Qual tipo de pesca o senhor exerce?
3) O que o senhor pesca?
4) Quais as espécies de peixes o senhor pesca?
5) O que o senhor usa para capturar o peixe?
6) O senhor usa algo para atrair o peixe?
7) O que é essa isca?
8) Do que é feita essa isca?
9) Onde o senhor consegue essa isca?
10) De material essa rede/malhadeira é feito?
11) É o senhor mesmo quem faz?
12) O que mais o senhor usa para pescar?
13) O senhor vai de que pesca?
14) Qual o tamanho da sua embarcação?
15) A sua embarcação funciona a que?
16) Que quantia de peixe ela comporta?
17) Como vocês medem a quantidade de peixe?
18) O que vocês usam para medir a quantia de peixe?
19) Quantas vezes ao dia o senhor sai para pesca?
20) O senhor pesca a qualquer hora?
21) Como o senhor sabe a hora que tem que sair para pesca?
22) Como o senhor sabe onde encontrar o peixe?
23) O senhor conhece outros tipos de pesca? Quais?
24) Qual a diferença entre elas?
25) O senhor já trabalhou com alguma dessas pescarias que o senhor disse conhecer?
26) Onde vocês guardam o peixe depois que capturam ele?
27) O que é feito com o peixe depois?
28) O tempo influencia na pescaria?
29) Qual é a maré que o senhor pesca?
30) Existem etapas de pesca? Quais?
31) Existe um tipo de material especifico para cada tipo de peixe?
32) Existem outros tipos de embarcações diferentes da sua usadas aqui para pescar?